

## **IV. Introdução**

O presente estudo destina-se a aprofundar a aplicação dos métodos e técnicas de investigação científica, desenvolver os conhecimentos teóricos e práticos relacionados com a problemática das ofensas sexuais, bem como a caracterização dos indivíduos que cometem esta tipologia de crimes.

A violência é por si só um fenómeno bastante complexo e multifacetado. No contexto criminal, o conceito de violência refere-se a uma estreita serie de comportamentos, geralmente definidos por categorias específicas de ofensa: homicídios, assaltos, roubos e violações. A violência sexual apresenta-se como um dos aspectos do complexo fenómeno violência que ultrapassa barreiras de classe social, tipos de cultura, níveis socioeconómicos e limitações individuais.

De acordo com a revisão da literatura que foi realizada, sabe-se que na tentativa de explicar as causas dos crimes sexuais, existe uma multiplicidade de teorias ou modelos explicativos da delinquência sexual, que reflectem as características biológicas, psicológicas e/ ou sociais do agressor.

Assim sendo, este trabalho de investigação divide-se em duas partes: uma parte teórica, baseada numa revisão da literatura e uma parte prática, que irá descrever toda a pesquisa realizada.

A parte teórica conta então com quatro pontos essenciais: no primeiro e segundo pontos faremos uma breve abordagem ao conceito de violência e, mais especificamente, à violência sexual. No terceiro ponto expomos essencialmente a prevalência e a dimensão do crime sexual. Neste ponto consideramos pertinente recorrer a dados estatísticos pertencentes aos órgãos policiais. No quarto ponto descrevemos algumas das teorias explicativas da delinquência sexual. Aqui percorremos três níveis desde modelos gerais de explicação, modelos centrados no agressor e modelos centrados nas características psicossociais do mesmo. Por último, num quinto ponto, abordamos evidências empíricas das características dos delinquentes sexuais, sobretudo ao nível psicopatológico e psicossocial.

Na parte prática iremos descrever todas as fases da nossa investigação empírica, os métodos e técnicas utilizadas e os procedimentos. Para além disso, daremos também a conhecer a nossa amostra, os objectivos, os resultados, a discussão dos resultados e as conclusões do nosso estudo.

## 4.1. Revisão da literatura

### 4.1.1. Violência

O conceito de violência adquiriu diferentes definições ao longo dos tempos, devido a notáveis divergências de acordo com diferentes disciplinas, pressupostos teóricos e objectivos de investigação. Um dos pontos de desacordo é a opção por uma definição extensa ou restritiva de violência. A forma mais restrita de entender a violência supõe identificá-la como actos de violência entre pessoas concretas, fundamentalmente actos de violência física. Desta forma, poderemos definir violência como *“o uso intencionado de força física contra o próximo com o propósito de ferir, abusar, roubar, humilhar, dominar, ultrajar, torturar, destruir ou causar a morte”* (Rojas, 1995). No entanto, esta forma de entender a violência exclui outras manifestações violentas de carácter não estritamente físico, mas que a gravidade é frequentemente destacada pelas próprias vítimas, como é o caso da violência psicológica.

Para Tortosa (1994), a violência seria *“tudo aquilo que impede um indivíduo de satisfazer as suas necessidades básicas: habitação, alimentação (...), mas também de dignidade”*. Dentro desta linha, situam-se as abordagens de Galtung (1995), para quem a violência consistiria em ameaças evitáveis contra a satisfação das necessidades humanas básicas, diminuindo o nível real de satisfação das necessidades abaixo do que seria potencialmente possível. Noutras palavras, *“a violência está presente quando os seres humanos são influenciados para que o seu desempenho real, somático e mental esteja abaixo do seu potencial de realizações”*. Estas definições de violência, não só são amplas em relação ao conceito de violência como também relativamente ao próprio conceito de necessidades básicas; desta forma, que quando Galtung (1995) se refere às necessidades básicas, está a fazer referência a quatro grupos de necessidades: para além das necessidades básicas de subsistência, incorpora as necessidades de bem-estar, identidade e liberdade.

De acordo com o dicionário Houaiss (2001), a violência é a *“acção ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); acto violento, crueldade, força”*. Em termos jurídicos, o mesmo dicionário define o termo como o *“constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obriga-lo a submeter-se à vontade de outrem; coacção”*. Ainda, segundo

a definição legal, considera-se “criminalidade violenta” as condutas que dolosamente se dirigem contra a vida, a integridade física ou a liberdade das pessoas (Almeida & Vialonga, 2008). Já a OMS (2001) define violência como a “*imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis*”.

Assim quando se fala de violência referimo-nos a um acto intencional, dirigido a dominar, controlar, agredir ou magoar alguém, podendo causar danos irreversíveis. Implica o uso do poder mediante o emprego da força, seja ela física, psicológica, económica ou política. É importante considerar que a violência tem as seguintes características: não é natural, é uma construção social; é intencional, dado existir uma intenção consciente ou inconsciente de magoar alguém; é dirigida, porque não se magoa alguém indiscriminadamente nem da mesma maneira em todos os casos; é baseada num abuso de poder, mediante o emprego da força ou superioridade de um indivíduo com o objectivo de submeter outro.

A violência exerce-se de diferentes formas, desde a ofensa verbal até ao homicídio. Existem essencialmente cinco tipos de violência: verbal, económica, física e sexual. A violência verbal inclui insultos, humilhações, ameaças; a violência emocional ou psicológica, é exercida através de palavras, gestos agressivos, chantagens, que procuram denegrir, intimidar, ameaçar ou manipular, e ainda que aparentemente não provoquem dano, destroem a auto – estima e a estabilidade emocional do indivíduo; a violência económica, consiste no controlo ou restrição de dinheiro ou de bens materiais como forma de domínio ou castigo; a violência física, são todos os actos que provocam dano no corpo e saúde física do indivíduo; a violência sexual, é todo o acto verbal ou físico com conotações sexuais que se realiza contra qualquer pessoa sem o seu consentimento.

#### **4.1.2. Crime Sexual**

As práticas sexuais têm variado entre as culturas e ao longo da história da humanidade. Legalmente, as definições de ofensa sexual em países como o Reino Unido incluem uma ampla gama de ofensas que envolvem vitimização sexual, no sentido de que deve haver consensualidade entre dois parceiros, infringindo as normas sociais. Os códigos definidos para a ofensa sexual são claramente construções sociais que mudam ao longo do tempo e de sociedade para sociedade (Marshall et al., 1990 cit in Crighton & Towl, 1996). Também parece claro que alguns comportamentos são

amplamente vistos como indesejáveis, e que alguns comportamentos sexuais são psicologicamente para além de socialmente disfuncionais.

De acordo com Smallbone (cit in Barbaree & Marshall, 2008), o crime sexual, cometido por adultos ou jovens, é considerado um fenómeno legal e não um fenómeno psiquiátrico. Um indivíduo torna-se um ofensor sexual não por satisfazer certos critérios diagnósticos (por exemplo, por pedofilia ou sadismo sexual) mas por pontuar em testes de princípios e definições legais. Neste sentido Smallbone (2008), considera que existem três definições de crime sexual. A primeira envolve o comportamento sexual. Neste caso, para além da existência de fantasias sexuais desviantes mais ou menos intensas e repetidas no tempo, a ofensa sexual requer acção, sendo neste aspecto que são importantes as diferenças individuais daqueles que experienciam impulsos sexuais desviantes. A segunda definição, considera que o comportamento deve satisfazer critérios legais previamente definidos. Neste caso, as ofensas sexuais são tipicamente definidas em termos de tipos específicos de comportamento sexual (por exemplo, penetração ou tentativa de penetração vaginal ou anal), do qual a vítima tem capacidade de consentir, e do grau de força utilizada pelo agressor. De forma mais específica, algumas ofensas sexuais solicitam a natureza da relação entre a vítima e o agressor. A terceira definição, considera que o crime sexual é exclusivamente um fenómeno interpessoal. Mesmo quando a ofensa sexual não envolver contacto físico directo com a vítima, é evidente a exploração e dano que é infringido no outro.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001) define a violência sexual como “todo o acto sexual, tentativa de consumir um acto sexual, comentários ou insinuações sexuais não desejados, ou acções para comercializar ou utilizar de qualquer outro modo a sexualidade de uma pessoa mediante coação por outra pessoa, independentemente da relação desta com a vítima, em qualquer âmbito (...)”. Desta forma, a violência sexual pode tomar diferentes formas, entre as quais: violação, assédio sexual, tráfico de pessoas, incesto. A violência sexual é considerada tanto uma causa como uma consequência da desigualdade entre sexos e da discriminação baseada no género. Apesar de se tratar de um tipo de violência que ocorre tanto em espaços públicos como privados, atingindo pessoas de ambos os sexos e de todas as faixas etárias, a mulher torna-se particularmente vulnerável (Reis, Martin e Ferriani, 2004).

De acordo com Ravelo (2001), a violência sexual é “uma acção que obriga uma pessoa a manter contacto sexualizado, físico ou verbal, ou a participar noutras interacções sexuais com um indivíduo ou que obrigue a manter relações com terceiros,

mediante o uso da força, a intimidação, a coesão, a chantagem, o suborno, a ameaça, a manipulação ou qualquer outro mecanismo que anule o limite da vontade pessoal.”

Segundo Boer et al. (1997), a violência sexual é definida como “ uma ameaça, tentativa ou concretização de contacto sexual com um indivíduo que não consente ou é incapaz de dar consentimento”. Esta definição é composta por dois elementos fundamentais. O primeiro diz respeito à natureza do acto. De uma maneira geral, o contacto sexual é compreendido de forma a incluir o toque sexual, comunicações verbais ou não – verbais de natureza sexual (ex. exibicionismo, cartas ou telefonemas obscenos, distribuição de pornografia) e violação de direitos de propriedade para fins sexuais. O segundo elemento diz respeito à vítima do acto. Na maioria dos casos de violência sexual, as vítimas estão cientes dos actos perpetrados contra elas, mas não concordam com estes. Isto é, o contacto sexual é coagido. Noutros casos, as vítimas podem parecer favoráveis aos actos, mas são incapazes de dar consentimento devido a serem demasiado jovens ou serem portadoras de deficiência mental. Finalmente, algumas vitimas são incapazes de dar consentimento, porque não estão cientes dos actos perpetrados contras elas.

Em termos legais, de acordo com o Código Penal Português, nos crimes contra a liberdade sexual incluem-se a coacção sexual (artigo 163.º), a violação (artigo 164.º), o abuso sexual de pessoa incapaz de resistência (artigo 165.º), abuso sexual de pessoa internada (artigo 166.º), fraude sexual (artigo 167.º), procriação artificial não consentida (artigo 168.º), lenocínio (artigo 169.º), importunação sexual (artigo 170.º). Relativamente aos crimes contra a autodeterminação sexual, surgem o abuso sexual de crianças (artigo 171.º), o abuso sexual de menores dependentes (artigo 172.º), actos sexuais com adolescentes (artigo 173.º), recurso à prostituição de menores (artigo 174.º), lenocínio de menores (175.º), pornografia de menores (176.º), agravação (177.º), queixa (178.º), inibição do poder paternal e proibição do exercício de funções (artigo 179.º). Destes artigos destacamos sobretudo a coacção sexual, a violação, o abuso sexual de crianças, o abuso sexual de menores dependentes e os actos sexuais com adolescentes.

A *coacção sexual* refere-se a 1) quem, por meio de violência, ameaça grave, ou depois de, para esse fim, a ter tornado inconsciente ou posto na impossibilidade de resistir, constranger outra pessoa a sofrer ou a praticar, consigo ou com outrem, acto sexual de relevo é punido com pena de prisão de 1 a 8 anos; 2) quem por meio não compreendido no número anterior e abusando de autoridade resultante de uma relação

familiar, de tutela ou curatela, ou de dependência hierárquica, económica ou de trabalho, ou aproveitando-se de temor que causou, constranger outra pessoa a sofrer ou a praticar consigo ou com outrem cópula, coito anal ou coito oral ou a sofrer introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objectos, é punido com pena de prisão até 2 anos. A *violação* refere-se 1) quem tiver cópula com mulher, por meio de violência, ameaça grave, ou depois de a ter tornado inconsciente ou posto na impossibilidade de resistir, constranger outra pessoa a sofrer ou a praticar, coito anal ou coito oral, ou a sofrer introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objectos, é punido com pena de prisão de 3 a 10 anos; 2) Quem por meio não compreendido no número anterior e abusando de autoridade resultante de uma relação familiar, de tutela ou curatela, ou de dependência hierárquica, económica ou de trabalho, ou aproveitando-se de temor que causou, constranger outra pessoa a sofrer ou a praticar consigo ou com outrem cópula, coito anal ou coito oral ou a sofrer introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objectos, é punido com pena de prisão até 3 anos. O *abuso sexual de crianças* refere-se 1) quem praticar acto sexual de relevo com ou em menor de 14 anos, ou o levar a praticá-lo consigo ou com outra pessoa, é punido com pena de prisão de 1 a 8 anos; 2) se o acto sexual de relevo consistir em cópula, coito anal, coito oral ou introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objectos, o agente é punido com pena de prisão de 3 a 10 anos; 3) quem importunar menor de 14 anos praticando acto previsto no artigo 170.º ou actuar sobre menos de 14 anos, por meio de conversa, escrito, espectáculo ou objecto pornográficos é punido com pena de prisão até 3 anos; 4) quem praticar os actos descritos no número anterior com intenção lucrativa é punido com pena de prisão de 6 meses a 5 anos. O *abuso sexual de menores dependentes* refere-se 1) quem praticar ou levar a praticar acto descrito nos números 1 ou 2 do artigo anterior, relativamente a menor entre 14 e 18 anos que lhe tenha sido confiado para educação ou assistência, é punido com pena de prisão de 1 a 8 anos; 2) quem praticar o acto descrito nas alíneas do nº3 do artigo anterior, relativamente a menor compreendido no número anterior deste artigo e nas condições aí descritas, é punido com pena de prisão até um ano; 3) quem praticar os actos descritos no número anterior com intenção lucrativa é punido com pena de prisão até 3 anos ou pena de multa. Os *actos sexuais com adolescentes* referem-se a 1) quem, sendo maior, praticar acto sexual de relevo com menor entre 14 e 16 anos, ou levar a que ele seja praticado com outrem, abusando da sua inexperiência, é punido com pena de prisão até 2 anos ou com pena de multa até 240 dias; 2) se o acto sexual de relevo consistir em cópula, coito oral, coito anal ou introdução vaginal ou anal de partes

do corpo ou objectos, o agente é punido com pena de prisão até 3 anos ou multa de 360 dias.

#### **4.1.3. Prevalência e dimensão do crime sexual**

O comportamento sexual abusivo é difícil de quantificar com precisão na sociedade contemporânea, recorrendo-se a abordagens diversificadas. Um dos métodos baseia-se na obtenção das estatísticas oficiais do crime, solicitando o relato de acontecimentos ou histórias de vitimização sexual e pedindo a agressores sexuais que relatem histórias de comportamento sexual abusivo.

Na Inglaterra, as estatísticas revelam que o número de relatos de ofensas sexuais entre 1979 e 1988 cresceram cerca de 40% (embora tenha ocorrido algo semelhante com outras categorias de crime). Em 1988 totalizaram-se 26.529 crimes sexuais, que no entanto representariam menos de 1% do total de crimes. Os ofensores sexuais constituiriam apenas 3% dos homens em liberdade condicional e 8% da população penitenciária. Russell (1984) manifestou desacordo com estes números, justificando-se com a falta de denúncias por parte das vítimas em muitos dos crimes sexuais. A investigadora comparou os relatos das vítimas com dados oficiais e estimou que apenas cerca de 10% dos crimes sexuais seriam denunciados à polícia e menos de 1% dariam origem a pena de prisão. Deste modo, como apenas uma pequena percentagem dos agressores sexuais entrava no sistema de justiça, eram pouco representativos da amostra total.

A maioria dos autores crêem que a violência sexual não é a mais frequente comparativamente aos restantes tipos de violência, como é o caso da violência física ou a psicológica, no entanto, alguns investigadores Cubanos (Caral, 2005) e outros estudos noutros países demonstraram que actualmente pode ser tão comum como os outros tipos de violência. Esta certeza baseia-se na crença de que na realidade muitas mulheres ainda ocultam estas vivências das suas vidas por tratar-se, em primeiro lugar, da intimidade de cada uma e, em segundo, porque geralmente têm medo da censura social devido ao “sentimento de culpa” que sentem quando são agredidas.

De acordo com estatísticas da UNICEF, na América Latina, apenas um em cada três casos de abuso sexual são denunciados, e 80% destas denúncias correspondem a menores. Ao nível do Instituto de Medicina Legal, destaca-se que entre os diversos tipos de maltrato sexual encontra-se a violação ou a sua tentativa, e que esta forma de violência tem impacto além do próprio acto violento, já que vai contra a liberdade e a

dignidade dos indivíduos, gera uma complexa variedade de transtornos na vítima e no seu ambiente familiar, laboral, educacional e social. Caral (2005) levou a cabo um conjunto de estudos acerca da “*Caracterização da violência sexual numa perspectiva de género*” em que concluiu que a violação ou a tentativa de violação ocorrem geralmente na via pública, de noite ou de madrugada, por um desconhecido, onde há o emprego da violência física.

Selosse (2001, cit in Paulino, 2009) afirmou que “ a frequência das violações de crianças, de adolescentes e de mulheres está subestimada, na medida em que a vítima é mortificada porque a agressão sexual atinge a intimidade da pessoa, o seu pudor e a sua dignidade”. Alguns autores partem do princípio que grande parte das pessoas que sofrem abusos sexuais não denuncia ou expõe a sua experiência. No entanto, não é pelo aumento de denúncias que se pode inferir que existam mais abusos sexuais relativamente a outras épocas. Contudo, podemos afirmar que o número de denúncias de agressões de índole sexual tem aumentado nos últimos 10 anos. Em contrapartida, Cusson considera impossível saber se os comportamentos violentos de cariz sexual aumentaram realmente ou se existe apenas uma grande especulação em torno destes. Redondo (2002) assegura que, contrariamente à crença existente, os delitos sexuais têm um baixo nível de prevalência no panorama internacional. De acordo com dados de diferentes pesquisas e estatísticas internacionais, os crimes sexuais rondam 1% do conjunto de delitos conhecidos. Redondo (2002) considera que os resultados absolutos da delinquência sexual sejam superiores a 1% visto que muitos destes delitos tendem a acontecer em situações de intimidade e segredo. O mesmo autor afirma ainda que as pesquisas em Espanha sobre a vitimização apontam que apenas 10% dos casos de abuso sexual são denunciados.

O Comité sobre Delitos Sexuais Contra Crianças e Jovens concluiu no Canadá que metade das mulheres e um terço dos homens foram alvos de abuso sexual. Investigações retrospectivas revelaram taxas de abuso sexual entre os 7% e os 62% para as mulheres, e entre 3% e 16% para os homens. A disparidade nos resultados deve-se à existência de diferentes definições de abuso sexual.

Em Portugal, Gomes e Coelho (2003, cit in Paulino, 2009) afirmam que o abuso sexual apresenta um padrão de distribuição regional preferencialmente meridional, que abarca a área metropolitana de Lisboa, a metade sul do país e a região autónoma da Madeira. É uma problemática sobretudo associada a meios sociais mais desfavorecidos, ou até mesmo à miséria endémica e à degradação que lhe está associada.



De acordo com o relatório anual de segurança interna (2009), no âmbito da criminalidade tem-se vindo a verificar um crescente aumento na taxa de crimes sexuais participados aos órgãos policiais em 2009 (n = 2363) comparativamente ao ano anterior (n = 2093), verificando-se uma variação de mais de 12,90%. No entanto através destes dados, não se conseguiu comprovar se a totalidade do número de denúncias corresponde ao número de crimes. Na realidade, tem-se assistido a um aumento do número de denúncias associado à diminuição das chamadas cifras negras, i.e., da criminalidade real que não chega ao conhecimento das autoridades, pela progressiva criação das condições necessárias para que as vítimas participem os crimes e pela redução do estigma habitualmente associado a este tipo de criminalidade, do que propriamente a um aumento efectivo deste tipo de crimes. Quando se procuraram analisar as diversas tipologias de crimes que integram esta categoria, verifica-se que a variação é sensivelmente semelhante em todas as elas: abuso sexual de crianças, adolescentes e dependentes (13,91%, correspondente a mais de 84 casos), outros crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual (10,92%, correspondente a mais de 128 casos) e violação (18,3%, correspondente a mais 58 casos).

Através da análise dos resultados de algumas investigações dos mais relevantes tipos de crime em que estes se subdividem, inclusive investigações que transitam de períodos anteriores, é possível concluir que o abuso sexual de crianças (56,56%) e a violação (21,04%) no seu conjunto representam de 2/3 dos crimes denunciados. Os investigadores crêem que é exactamente nestes dois tipos de crime que é mais sensível a diferença de atitude das vítimas e de quem detém a obrigação de comunicar os factos às autoridades.

As vítimas são esmagadoramente do sexo feminino (82,71%) e menores de 16 anos (62,26%). Por outro lado, os ofensores são quase exclusivamente do sexo masculino (94,87%) e maior de 21 anos (61,23%).

#### **4.1.4. Modelos explicativos do crime e da delinquência**

Quando se procura explicar a “origem do crime violento”, imediatamente é levantada uma questão básica: “Dada a enorme heterogeneidade de formas de violência, é plausível que haja uma teoria ou um paradigma teórico que possa explicar todas essas manifestações, ou mesmo servir como linha comum entre elas? De acordo com Levi, Maguire e Brookman (2007), a questão conceptual de “que actos contam como violência” não causa na prática muitas dificuldades aos criminologistas, porque muitas

vezes estes ignoram esta diversidade de formas de violência, procurando uma explicação mais abrangente para a ocorrência de crimes violentos.

Durante séculos, a origem do crime foi interpretada ao nível “pré – científico”. Há evidências de que os povos primitivos interpretavam os desastres naturais como recriminações dos espíritos pelas más - acções dos Homens. No período Medieval, na Europa, a maioria das tentativas de explicação de infortúnios foram enraizadas em crenças espirituais ou religiosas. Acreditava-se que os ofensores eram possuídos por forças demoníacas. Durante o Renascimento Europeu, e no decorrer dos dois séculos seguintes, as ciências físicas e biológicas conheceram grandes progressos até à actualidade. Estes progressos, por sua vez criaram condições em que, a partir aproximadamente do final do século XVIII, a aplicação de métodos de investigação empírica sistemática de fenómenos sociais e humanos, passou a ser gradualmente vista como um modo legítimo de investigação (McGuire, 2000). Na segunda metade do século XVIII, aquando dos estudos de Beccaria, ocorreu a aplicação do raciocínio filosófico na investigação das prováveis consequências da acção humana. Os seres humanos eram vistos como possuidores de livre – arbítrio, orientados pelos princípios da dor e do prazer. Assim, os indivíduos poderiam calcular as vantagens e desvantagens das suas acções, como por exemplo, as consequências de cometer um crime. Logo de acordo com esta teoria, o crime seria visto como uma consequência das decisões individuais (McGuire, 2000).

Mais tarde, no século XIX, paralelamente às ideias de Darwin e da teoria da Evolução das Espécies, alguns criminologistas pressupuseram que o crime poderia ser entendido com base nas diferenças biológicas entre os indivíduos.

A partir desta concepção, passou a ter-se a perspectiva de que o crime, independentemente da sua tipologia, resultaria de factores individuais e pessoais.

Bernard e Snipes (1996) classificaram as teorias explicativas em dois tipos básicos “ diferenças – individuais” e “processo – estrutura”. As teorias criminológicas operam em diferentes níveis de explicação dependendo das abordagens dos respectivos autores. Alguns autores explicam o crime como um fenómeno social de grande escala (ex. teoria do conflito, teorias do controlo sociológico); outros como resultado de variações geográficas, como diferenças entre meio urbano e rural (ex. teoria da oportunidade diferencial); outros têm em conta o papel da socialização e a influência social da família e do grupo de pares (ex. teoria da delinquência subcultural, teoria da associação diferencial, teoria da aprendizagem social); outros analisam os padrões e os

tipos de crimes, em termos de estilo de vida (ex. teoria da actividade de rotina, teoria da escolha racional); e por fim, existem ainda outros autores que examinam factores intra – individuais como pensamentos, sentimentos e comportamentos (ex. teorias de controlo psicológico, teorias de aprendizagem social e cognitiva).

Em suma, há pelo menos 3 grandes perspectivas: na primeira, os crimes são interpretados como resultado de actos deliberados, conscientemente planeados e que predis põem o indivíduo a agir de forma anti – social; na segunda, o crime é entendido como uma consequência das condições sociais e ambientais; e, na terceira, o crime é visto como produto de um conflito irreconciliável entre as forças individuais e sociais, conceitos fundamentais na formação da teoria criminológica (Vold, Bernard & Snipes, 1998). Apesar de grandes mudanças, continuidades discerníveis permaneceram em alguns conceitos desde o início da criminologia até à actualidade. A maioria das teorias contemporâneas representa permutações, de uma forma ou de outra, dessas mesmas ideias básicas, porem com elaboração considerável de detalhes e procura de suporte empírico.

Considerando agora o crime sexual de forma específica, e com base nas teorias do crime, encontram-se na literatura referência a uma multiplicidade de teorias ou modelos explicativos para a ocorrência da agressão sexual que constituem uma base de conhecimento importante para o estudo dos delinquentes sexuais.

Alguns autores propõem que a constituição genética e os níveis de hormonas sexuais estejam implicados (teorias biológicas); que o desenvolvimento precoce, os desejos e sentimentos inconscientes são responsáveis (teorias psicodinâmicas); que algumas experiências sexuais moldam o comportamento sexual futuro do individuo (teorias de aprendizagem) e que a posição do homem e da mulher na sociedade, tornam a agressão sexual a norma (teorias sociológicas). Estas teorias consideradas de factor único, contrapõem-se aos modelos multi – factoriais, que propõem que a agressão sexual é causada por mais do que um dos factores anteriores (Hird cit in McGuire, Mason & O’Kane, 2000). Ao nível das teorias biológicas, Quinsey (1984) postulou que na história evolutiva humana, a agressividade sexual pode ter garantido a sobrevivência do Homem. Neste sentido, alguns investigadores apontaram para uma relação entre a agressão sexual e o aumento da produção de testosterona, a qual está relacionada com o início do desenvolvimento e interesse sexual (ex. MacLean, 1962; Marshall & Barbaree, 1990). As teorias psicodinâmicas, dão ênfase às experiências da 1ª infância, atribuindo às relações parentais a raiz de desvios sexuais na idade adulta. O aspecto sexual do

comportamento do ofensor é geralmente minimizado e ofender é visto como sendo motivado por tentativas para satisfazer outras necessidades psicológicas. As fantasias sexuais são vistas como gratificantes, devido aos seus aspectos não - sexuais de controlo e maestria. Ao nível das teorias de aprendizagem, o comportamento sexual desviante é aprendido através dos mecanismos de condicionamento clássico e operante. A aquisição do comportamento sexual desviante pode ocorrer rapidamente, como resultado de uma ou mais associações entre um estímulo e uma resposta, uma vez que alguns estímulos estão preparados para serem associados a uma resposta sexual. Esta associação é, então, reforçada e mantida através de uma ligação a um acontecimento cognitivo (a fantasia). Ao nível das teorias sociológicas, Herman (1990) considerou que desde que os homens começaram a ter poder e controlo sobre as mulheres na sociedade, as agressões sexuais são vistas como normas.

Devido à natureza heterogénea dos delinquentes sexuais e da diversidade dos crimes sexuais, alguns autores procuraram combinar aspectos das teorias de factor único para explicar a ocorrência da agressão sexual. A investigação recente aponta essencialmente para modelos centrados no agressor e nas suas características biológicas, psicológicas, sócio – económicas e culturais. De forma genérica, ao nível biológico, a investigação aponta para a existência de alterações nas estruturas do sistema nervoso central (sistema límbico e amígdala), assim como a activação sexual e do instinto de sobrevivência/ agressividade coordenadas pelo córtex, o que se reflecte na capacidade de socialização da sexualidade. Ao nível psicológico, a investigação aponta para a existência de vulnerabilidades psicológicas e padrões de vinculação ansioso/ ambivalente/ evitante, considerando-se o agressor egoísta ao centrar-se no seu próprio prazer. Ao nível social, económico e cultural, existem outros factores de risco associados, tais como, mitos sobre a sexualidade, a sociedade patriarcal, privações económicas e habitacionais. Verificam-se também a existência de falhas ao nível das competências sociais, ou seja, no relacionamento interpessoal e auto-estima.

Finkelhor (1984) apresentou o modelo multicausal dos quatro factores, cuja presença facilita o acontecimento da agressão sexual. O factor I refere-se aos factores relativos à motivação para a agressão sexual, ou seja, às condições que fazem emergir a agressão sexual, abrangendo alguns tipos de factores, contendo por vezes domínios individual e sócio – cultural com relevância. O primeiro aponta para a congruência emocional, que no plano individual contempla o agressor que procura uma sensação de poder e de controlo sobre a vítima, possibilitando-lhe uma maior auto-estima. O

agressor sacia as suas necessidades afectivas ao relacionar-se com a vítima, dado que os seus relacionamentos afectivos têm tendência a falhar. Em termos socioculturais, destaca-se o requisito do domínio através da força e prevalência do poder do sexo masculino nas relações sexuais. O segundo tipo de factor refere-se à activação sexual, que no plano individual contempla a probabilidade de existência de experiências sexuais traumáticas na infância do agressor, que conduzem à criação de atribuições erradas das suas interpretações sexuais, ou então à existência de anomalia de índole biológica. O factor II aponta para a predisposição à desactivação dos inibidores internos de controlo da agressão sexual. No plano individual situam-se os efeitos de substâncias tóxicas e álcool, assim como os efeitos de perturbações de foro psicopatológico. O factor III é constituído pela predisposição para a desactivação dos inibidores externos. O plano individual considera as características da figura materna que descora o papel protector, o isolamento social da família, as condições degradantes de habitabilidade. Na esfera sociocultural tem-se em conta a falta de suporte social. Alguns autores, partindo deste modelo, realçam nomeadamente o contexto familiar, as características do agressor e as características da vítima. O factor IV é constituído pelos factores que predispõem para a falta de resistência por parte da vítima. No plano individual, as condições são sobretudo coerção psicológica utilizadas pelo agressor, insegurança emocional, falta de informação e relação de proximidade.

Marshall and Barbaree (1990) descreveram três factores no seu modelo integrado, ou seja, influências biológicas, experiências aprendidas e atitudes socioculturais. Em 2001, Marshall apresentou um modelo explicativo que incorporava tanto o nível histórico como pessoal do sujeito, referindo que a génese da agressão sexual se encontra na infância e nas relações com os pais. Este autor considera que as experiências infantis do tipo negativo (abuso, negligência, família disfuncional, entre outros factores) estabelecem uma vulnerabilidade caracterizada por baixa auto-estima, um desejo de afecto propiciador de certas condutas problemáticas, que segundo factores ambientais e sociais, podem culminar em condutas sexuais graves. Defende também que a origem da delinquência sexual engloba num só indivíduo, influências biológicas (como o impulso sexual), de experiências da infância (modelos negativos reproduzidos na idade adulta), do estabelecimento do vínculo paterno – filial (influindo no padrão correcto ou incorrecto de como se relacionar socialmente), de factores sócio – culturais (meios de comunicação, conceitos sociais), de experiências durante a juventude (iniciação à sexualidade, primeiros contactos sociais) e da desinibição/ oportunidade

(facilitadora da circunstancia para cometer o crime e estar preparado para ele). Ao nível da vinculação entre pais e filhos, Marshall afirma a hipótese de que os delinquentes sexuais experimentaram pobres apegos pais/ filhos, ou seja, uma incidência significativa de relações problemáticas com os pais durante a infância, as quais contribuíram de forma relevante para o desenvolvimento de condutas delituosas. Para além disso, no decorrer das investigações, os delinquentes sexuais tendem a referir taxas elevadíssimas de vitimização sexual quando crianças em relação ao resto dos delinquentes. Marshall e Marshall (2002) sugerem que, ainda que nada esteja demonstrado, os sujeitos alvos de abuso sexual são em maior numero crianças com um estilo de relação ansioso/ ambivalente. Muitos dos ofensores sexuais foram alvos de abuso na infância e acreditam que esta vivencia não lhes causou danos, logo os seus comportamentos de abuso não provocam danos nas suas vítimas. De qualquer forma, e quase sempre presente, está a indução de uma oportunidade para o delito sexual devido a diversos factores, tais como, uma história de abandono infantil, os recorrentes sentimentos de inferioridade, a incapacidade para satisfazer as suas necessidades de maneira pró-social, a tendência a recorrer ao sexo face à angústia, um desejo condicionado de sexo desviante e a presença de um estado desinibitório. Ward cit in Paulino (2009) menciona que, caso não haja oportunidade, um homem não pode delinquir, por muito predisposto que esteja para tal. Em suma, Marshall (2001) assegura que nenhum dos factores atrás descritos na sua teoria conduzem necessariamente e, por si só, à agressão sexual.

Ward & Siegart (2002) propuseram um modelo explicativo da ofensa sexual que procura integrar o que de maior relevo já anteriormente teria sido observado por noutros modelos que apareceram na literatura, baseando-se sobretudo nos estudos de Marshall e Barberee (1990), Finkelhor (1984), Hall & Hirschman (Hall, 1996; Hall & Hirschman, 1991, 1992). O modelo integrado de Ward & Siegart delineou cinco possibilidades de desenvolvimento que podem levar à ofensa sexual. Estas seriam sobretudo deficits ao nível do relacionamento íntimo e das competências sociais; desviância sexual, na qual o comportamento sexual é erroneamente comparado com expressões de proximidade interpessoal; desregulação emocional; cognições anti – sociais; múltiplos mecanismos disfuncionais. O comportamento sexual abusivo era considerado como parte integrante do comportamento criminal em geral, que incluiria abuso de substâncias, roubo e agressão violenta. Geralmente, estes indivíduos apresentariam dificuldades de auto – controlo e revelariam comportamentos consistentes com o diagnostico de distúrbio de conduta desde a infância. Mais tarde, a teoria integrada de ofensas sexuais (ITSO, Ward

& Beech, 2005) sofreu alterações e passou admitir que a ofensa sexual resultaria da interacção entre factores biológicos (genética e desenvolvimento cerebral), ecológicos (circunstancias sociais, culturais e pessoais) e psicológicos. As predisposições genéticas e a aprendizagem social têm um impacto significativo no desenvolvimento do cérebro e dão origem a sistemas psicológicos (motivacional/ emocional, percepção e memória; selecção da acção e sistemas de controlo). Segundo Pennington (2002), a função do sistema motivacional/ emocional é «...*permitir que os valores influenciem a percepção e a selecção da acção rapidamente e ajustar o estado motivacional para enfrentar alterações ambientais*». Por outro lado, problemas na herança genética, na transmissão cultural ou experiencias individuais negativas, pode levar a defeitos no sistema. A principal função do sistema de selecção da acção e sistema de controlo é ajudar o organismo no planeamento, implementação e avaliação das acções planeadas, ao mesmo tempo que procura controlar o comportamento, pensamentos e emoções. A principal função da percepção e sistema de memória é processar informação sensorial e construir representações de objectos e eventos, tornando-os disponíveis para os outros dois sistemas. Problemas ao nível da percepção e sistema de memória podem levar a crenças desadaptativas, atitudes e interpretações problemáticas ao nível do entorno social. Conclui-se que os factores biológicos, os ecológicos e os sistemas psicológicos interagem para originar problemas clínicos evidentes nos ofensores sexuais, i.e., problemas emocionais, dificuldades sociais, problemas de empatia e desvio sexual (Ward & Gannon, 2006). De qualquer forma, Smallbone (2006) afirma que a heterogeneidade observada nos comportamentos sexuais agressivos constitui um obstáculo significativo ao desenvolvimento e testagem destes modelos explicativos.

Mormont (2006) garantiu que a etiologia das delinquências sexuais é multifactorial, contemplando “*factores internos e externos, físicos e psíquicos, pessoais e relacionais, sociais e culturais, passados e actuais, circulares e emaranhados*”.

Já desde os estudos de Marshall & Marshall (2002), que se considera que os agressores sexuais aprendem desde cedo a recorrer ao sexo como um caminho para fazer frente às suas experiencias de falta de afecto e atenção e, mais tarde, a um amplo número de problemas, usando-se do sexo como estratégia primária de resolução de problemas. Na literatura, os estilos de coping são relatados como uma característica ou uma maneira típica de confrontar situações stressantes e lidar com estas. Alguns autores referem três estilos de coping, mais especificamente o focado na tarefa, o focado na emoção e o focado no evitamento. A primeira estratégia surge quando o indivíduo

acredita que consegue mudar a situação; a segunda, envolve respostas emocionais ao problema; e a terceira, refere-se a técnicas para evitar o problema utilizando distrações (ex. álcool, comportamentos sexuais, comida) ou diversões sociais. Alguns autores investigaram ainda a possibilidade dos agressores sexuais utilizarem o sexo como estratégia de coping, enquanto estratégia focada no evitamento. Apesar de não se verificar eficaz, esta estratégia é utilizada para reduzir o desconforto pessoal.

Vários autores (ex. Paulino, 2009) são da opinião que o enfoque cognitivo comportamental reforça a ideia de que o processo de condicionamento é relevante para o desenvolvimento de condutas sexuais excêntricas e desviantes. Tanto o conteúdo sexual como o não sexual das fantasias masturbatórias tem uma elevada probabilidade de ser condicionado, quer através de um reforço negativo para escapar à angústia, quer através do reforço positivo decorrente do próprio prazer de excitação sexual. Wright & Schneider (cit in Paulino, 2009) acreditam que os delinquentes sexuais incorporam progressivamente nas suas fantasias sexuais, elementos que servem para compensar a sua auto-estima e justificar a sua conduta e desejos de agressão sexual. As fantasias de delinquentes sexuais incluem também imagens de vítimas submissas ou condescendentes, com uma grande motivação sexual e sexualmente provocadoras. Neste sentido, há autores que acreditam que as fantasias sexuais constituem a fonte primária das distorções cognitivas, servindo para justificar e manter a delinquência sexual.

#### **4.1.5. Evidências empíricas das características dos ofensores sexuais**

A criminologia do desenvolvimento tem-se preocupado ao longo dos tempos em estudar factores de risco familiares e individuais em diferentes idades. Os factores de risco são factores que aumentam o risco de início, frequência, persistência ou duração da ocorrência de uma ofensa (Kazdin et al., 1997). Os factores de risco estáticos são variáveis históricas (ex. crimes anteriores, desajuste na infância) podendo indicar trajectórias de desenvolvimento desviante e, como tal, maior propensão para ofensa sexual. Os factores de risco dinâmicos podem ser classificados como estáveis ou agudos. Os factores estáveis têm o potencial de mudança, mas geralmente duram meses ou anos (ex. transtorno de personalidade), e, como tal, representam um potencial risco permanente. Em contraste, os factores agudos (ex. humor negativo) podem estar presentes por curtos períodos (minutos, dias) e pode sinalizar o momento da ofensa.



Farrington (1996) entre outros autores dos quais faremos referência mais adiante, resumiu uma série de factores principais ou categorias de variáveis aos quais atribui à ofensa sexual. São eles: factores pré-natais e perinatais; hiperactividade e impulsividade; inteligência abaixo da média; baixa supervisão dos pais, disciplina e atitudes; divórcio dos pais; antecedentes criminais dos pais; famílias numerosas; privação sócio – económica; influências dos grupos de pares; influências da escola, da comunidade e variáveis situacionais. Neste caso específico, a ofensa sexual é vista como resultado de uma interacção ou a combinação de uma série de factores de risco e de protecção. De acordo com Catalano e Hawkins (1996), os factores de protecção são aqueles que "... aumentam a resiliência de indivíduos expostos a elevados níveis de risco, protegendo-os de resultados indesejáveis".

Ao nível dos **factores de risco familiares**, inúmeros estudos demonstraram a existência de uma relação entre o funcionamento familiar e a ocorrência de ofensa sexual. Farrington (1990) destacou nos seus estudos a importância de factores de risco na infância, tais como a existência de um background familiar numeroso, baixos níveis de supervisão parental, estilos educativos inconsistentes, antecedentes psiquiátricos e criminais na família.

Para Ellis (1988), uma família numerosa é um factor de previsão relativamente forte e altamente replicável de delinquência. Newson et al. (1993) também concluíram nos seus estudos que o tamanho da família é um importante indício de ofensa, assim como Kolvin et al. (1988) que estabeleceram uma ligação entre o tamanho da família e o comportamento anti-social do indivíduo. Brownfield e Sorenson (1994) reviram as explicações possíveis para a ligação entre famílias numerosas e a delinquência, nomeadamente as que incidiam sobre as características dos pais (ex. pais com antecedentes criminais), parentalidade (ex. pobre supervisão, divórcios), privação económica ou stress familiar.

A supervisão parental refere-se ao grau de controlo por parte dos pais nas actividades da criança. A disciplina parental refere-se à forma como os pais reagem ao comportamento da criança. De acordo com Haapasalo e Pokela (1999) a falta de supervisão parental e uma disciplina severa, punitiva (envolvendo punição física) ou inconsistente, estão associados à ofensa sexual. Também os pais que rejeitam os filhos, que são pouco carinhosos e que apresentam baixo envolvimento nas suas actividades, podem deparar-se com filhos delinquentes (McCord, 1979; Lewis et al. 1982). De acordo com Patterson (1982, 1995), o comportamento de uma criança depende dos castigos/ recompensas dos pais, assim como dos modelos de comportamento que estes representam.

Malinosky – Rummell e Hansen (1993) foram um pouco mais longe e afirmaram que as crianças abusadas fisicamente ou negligenciadas tendem a tornar-se ofensores ao longo da vida. Também para Widom e Ames (1994, o abuso sexual de crianças pode levar a crimes sexuais na idade adulta. De acordo com a teoria da aprendizagem social, as crianças aprendem a adoptar

padrões de comportamento abusivo e aprendem por imitação, modelagem e reforço. Alguns autores consideram que o tratamento negativo por parte dos pais gera emoções negativas, como raiva e frustração, que por sua vez levam ao desejo de vingança e aumento da agressividade.

Os **factores de risco individuais** encontram-se distribuídos pelo nível psicopatológico (ex. perturbações cognitivas/ emocionais, de personalidade e sexuais) e pelo nível psicossocial (ex. falta de competências sociais, estilo de vida criminal).

A meta – análise de Lipsey e Derzon (1998) mostrou que factores individuais como QI baixo, reduzida empatia e elevada impulsividade podem estar associados à ofensa sexual. Por sua vez, um QI baixo está ligado ao insucesso escolar, havendo múltiplas teorias que sugerem que o fracasso escolar leva à ofensa. Farrington (1988) referiu então que também o desemprego é um factor de risco para a ocorrência de ofensa, dado ter-se verificado que os indivíduos são mais susceptíveis de ofender durante períodos de desemprego.

Em termos cognitivos, muitos investigadores têm argumentado que os ofensores utilizam formas de pensar pouco eficazes e falta de capacidade de resolução de problemas sobretudo em situações interpessoais, tratando-se de indivíduos auto – centrados e insensíveis. Blackburn (1993) argumentou ainda que os ofensores tendem acreditar que o que acontece com eles depende do acaso, do destino ou da sorte, ao invés das suas próprias acções. Este tipo de pensamento fá-los acreditar que são controlados por outras pessoas e por circunstâncias alheias à sua vontade. Os ofensores acabam por externalizar a culpa pelos seus actos noutras pessoas, em vez de assumir a responsabilidade. Para além disso, não conseguem parar e pensar antes de agir e não conseguem aprender com a própria experiência. Ross e Ross (1995) justificam este deficit cognitivo com a reduzida capacidade de manipular conceitos abstractos.

Entre os elementos imediatamente identificados como próximos da ofensa sexual, alguns autores incluíram afectos negativos (ex. raiva, frustração, rejeição, depressão e solidão) e variáveis cognitivas, tais como, padrões de pensamento desinibidor e atitudes negativas para com mulheres e crianças (Long, Wuesthoff & Pithers, 1989). Outros autores, tais como Abel (1989), Murphy (1990), Stermac & Segal (1989) consideraram a existência de distorções cognitivas antes, durante e após o comportamento ofensivo. Consideravam que as distorções cognitivas, tais como, negação, minimização, justificação, racionalização e até atribuição da culpa à vítima; reduzem a ansiedade, a culpa ou vergonha que acompanham estes comportamentos. Ward, Fon, Hudson e McCormack (1998) deram ênfase à importância dos processos cognitivos ao longo do ciclo de ofensas, argumentando que estes processos ao serem examinados, fornecem informações valiosas sobre atitudes e crenças pré-existentes, planeamento da acção, interpretações dos comportamentos das vítimas, expectativas e auto – avaliação após a ofensa. Para estes autores, uma das manifestações das distorções cognitivas encontra-se no défice de empatia que apresentam para com a vítima. A falta de empatia com a

vítima é considerada um importante traço que manifesta a existência de uma perturbação de personalidade no ofensor.

Os transtornos de personalidade são uma das perturbações mais comumente diagnosticadas em casos de ofensa sexual repetida. A razão básica é o distúrbio de personalidade conceitualmente descrever um padrão mal – adaptativo de comportamento (e/ ou experiência interior) e as repetidas ofensas sexuais podem representar uma parcela importante de tal padrão. A definição subjacente, ou critérios gerais de diagnóstico, para um transtorno de personalidade descrevem-no como um distúrbio com um padrão persistente de comportamento desviante que se manifesta em duas ou mais áreas como sendo a cognição, a afectividade, o funcionamento interpessoal, o controlo dos impulsos; através de uma ampla gama de situações pessoais e sociais que levam ao sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional (Doren, 2002).

Raine e Hare (cit in Mezquita, 2007) são os investigadores que mais têm estudado o conceito “psicopatia”. De uma forma geral, ambos os autores consideram que a psicopatia é um transtorno de personalidade que apresenta bases biológicas, apesar de concordarem que é necessário um ambiente que faça cristalizar uma personalidade anómala. Na origem da Psicopatia, Hare destaca factores psicológicos, enquanto Raine especializou o seu estudo em factores biológicos, mais concretamente no estudo do funcionamento cerebral de psicopatas. Centrando-se na teoria psicológica subjacente, Hare baseou-se nos conceitos de Cleckley (1976). Este autor utiliza pela primeira vez o termo psicopata para se referir aos indivíduos particularmente violentos e onde parece existir um “defeito afectivo” capaz de explicar esta conduta. A partir de 1955, Cleckley associa o termo “psicopata” a uma síndrome de desordem de personalidade específico. Em 1964, este autor descreveu os principais sintomas e características dos psicopatas, destacando como principal característica a resposta afectiva deficitária que manifesta em relação aos outros indivíduos, a qual explicaria a sua conduta anti-social. Os principais critérios que utilizaram para a caracterização do psicopata foram os seguintes: encanto externo e notável inteligência, inexistência de alucinações ou outras manifestações de pensamento irracional, ausência de nervosismo ou de manifestações neuróticas, indigno de confiança, mentira e falta de sinceridade, falta de sentimento de culpa e vergonha, conduta anti – social sem aparente arrependimento, raciocínio insuficiente e falta de capacidade para aprender a experiência vivida, egocentrismo patológico e incapacidade de amar, grande pobreza ao

nível das relações afectivas primárias, perda específica de intuição (insight), irresponsabilidade nas relações interpessoais, comportamento fantástico e pouco recomendável no que respeita à bebida inclusive um pouco alienado em determinadas ocasiões, ameaças de suicídio raramente cumpridas, vida sexual impessoal, trivial e pouco integrada e impulsividade (Mezquita, 2007). Blackburn (1992) considerou que o termo “psicopatia” tem três interpretações: desvio/ deterioração pessoal ou psicológica em relação a condutas normais (presente na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde – CID 10), desvio/ deterioração social com especial enfoque no comportamento social desviante em detrimento da desordem da personalidade (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM IV) e uma concepção híbrida que combina um tipo específico de deterioração da personalidade caracterizado pelo desvio social aliado a critérios clínicos distintos, coadunando-se com a formulação de Cleckley (1974; 1975) e Hare (1991). No DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) o termo “Psicopatia ou Distúrbio da Personalidade Psicopática” foi progressivamente sendo alterado, acabando na última revisão (DSM – IV) a fixar-se na designação de “Perturbação Anti – Social da Personalidade” (301.7), portanto definitivamente centrada nas propriedades anti – sociais da conduta. Esta mudança de critério diagnóstico da personalidade anti – social<sup>1</sup>, passando o enfoque para o comportamento, é aquele que se mantém nos dias de hoje. Hanson e Morton-Bourgon (2005) através de procedimentos de meta – análises acerca das “*Características dos Agressores Sexuais Persistentes: uma Meta - Análise de estudos de Reincidência*” concluíram que o crime sexual está sobretudo associado a dois grandes factores: ao interesse sexual desviante (i.e. atracção permanente por actos sexuais ilegais e/ou incomuns) e uma orientação anti – social/ estilo de vida instável

---

<sup>1</sup>Assim sendo, os actuais critérios de diagnóstico para a Perturbação Anti – Social da Personalidade segundo o DSM – IV são os seguintes: A. padrão global de desrespeito e violação dos direitos dos outros ocorrendo desde os 15 anos, indicado por três ou mais dos seguintes (1) incapacidade para se conformarem com as normas sociais no que diz respeito a comportamentos legais, como é demonstrada pelos actos repetidos que são motivo de detenção, (2) falsidade como é demonstrado por mentiras e nomes falsos ou contrariar os outros para obter lucro ou prazer, (3) impulsividade ou incapacidade para planear antecipadamente, (4) irritabilidade e agressividade como são demonstradas pelos repetidos conflitos e lutas físicas, (5) desrespeito temerário pela segurança de si próprio e dos outros, (6) irresponsabilidade consistente como é demonstrado pela incapacidade repetida para manter um emprego ou honrar obrigações financeiras, (7) ausência de remorso como é demonstrado pela racionalização e indiferença com que reagem após terem magoado, maltratado ou roubado alguém; B. a pessoa ter uma idade mínima de 18 anos; C. existe evidência de Perturbação de Comportamento antes dos 15 anos; D. o comportamento anti – social não ocorre exclusivamente durante a evolução de Esquizofrenia ou de um Episódio Maníaco. Vários autores associam a ocorrência da ofensa sexual à presença de um transtorno de personalidade, outros justificam o acto com a existência de perturbações sexuais no agressor.

<sup>2</sup>Os interesses sexuais desviantes podem ser enquadrados nas Parafilias (DSM- IV), nas quais se destacam o exibicionismo (exibições sexuais indesejáveis), frotteurismo (tocar e esfregar-se em alguém sem o seu consentimento), masoquismo sexual (prazer sexual através da dor infligida a si mesmo), voyeurismo (observação de outros a terem relações sexuais), fetichismo (excitação sexual com objectos inanimados), pedofilia (abuso sexual de crianças por adultos), sadismo sexual (prazer sexual através da dor infringida) e fetichismo travesti (vestir roupas do sexo oposto). As características das Parafilias são anseios sexuais, fantasias ou comportamentos sexuais recorrentes e intensos envolvendo objectos, actividades ou situações incomuns, causando sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo, ocorrendo durante um período mínimo de 6 meses.

(i.e. personalidade anti – social; traços anti – sociais, tais como impulsividade, abuso de substâncias, desemprego; historial de violação de regras). Neste mesmo estudo, as categorias referentes ao background familiar negativo e a perturbações psicológicas, demonstraram-se uma associação pouco consistente com o crime sexual.

No DSM-IV (American Psychiatric Association, 1994) há referência a interesses sexuais desviantes e comportamentos como Parafilias<sup>2</sup> categorizados como disfunções sexuais sob denominação geral de “transtornos de identidade sexual e de género”. Reunindo várias centenas de estudos sobre variáveis associadas com a ofensa sexual, Andrews (1995) e Bonta (1998) concluíram que os principais factores associados com o crime sexual seriam de natureza não apenas sexual, mas sobretudo social ou psicossocial, tais como, atitudes anti - sociais ou pró - criminais, associação a grupos de pares desviantes, personalidade temperamental/ impulsiva, falta de competência de relacionamento interpessoal e dificuldades ao nível do relacionamento íntimos.

Ao nível psicossocial, Reiss e Farrington (1991) consideram que o delinquentes sexual apresenta falta de competências sociais e insere-se sobretudo em grupos de delinquentes. Tratam – se de grupos de pares onde predomina a falta de obediência às normas sociais, ocorrem consumos de álcool e drogas, e há uma tolerância dos crimes em geral. De acordo com McMurrin, Hollin (1989) e Cookson (1992), a dependência de álcool e drogas coexiste muitas vezes com a ofensa sexual. Goldstein (1989) acrescentou ainda que as anfetaminas e barbitúricos são mais propensos a facilitar a ofensa do que a marijuana, opiáceos e tranquilizantes, embora na presença de álcool, sejam importantes factores predisponentes e situacionais.

De acordo com Hanson e Morton – Bourgon (2005), o ofensor sexual apresenta um deficit no relacionamento íntimo, caracterizado pela existência de violência interpessoal e de diversos parceiros sexuais. Para Marshall (1989, 1993), as dificuldades de expressão de afecto e consequentes deficits na intimidade, resultam em solidão emocional que se torna uma experiência mais dolorosa e distinta da solidão social. Para além disso, o autor acrescentou que os agressores sexuais comparam a intimidade com o sexo, podendo repetidamente procurar a satisfação das necessidades não satisfeitas na intimidade e o alívio da solidão emocional através de contactos sexuais impessoais, mesmo que estes contactos sexuais ocorram com parceiros inadequados ou não consensuais. Vários autores (ex. Hildebran & Pithers, 1989; Jenkins – Hall & Marlatt, 1989; Longe t al, 1989; Marques & Nelson, 1989) sugeriram ainda que os deficits ao

nível das habilidades sociais, dificuldades interpessoais e as histórias de maus – tratos são factores de risco significativos e antecedentes de comportamentos sexuais ofensivos.

Para Gottfredson e Hirschi (1990), o crime sexual está intimamente ligado a trajetória de vida desviante (historial de ofensas anteriores), enquanto que para Vieira e Gonçalves (2005), os ofensores sexuais se diferenciam quanto ao estilo de vida criminal. Este estilo de vida criminal seria caracterizado pela irresponsabilidade na escola, no trabalho e em casa, a que se aliaria uma propensão para o envolvimento em actividades marcadas pela indiferença, a desinibição, a impulsividade e a auto – desresponsabilização, tais como o abuso do álcool e drogas, a promiscuidade sexual, a violação de normas, regras e costumes sociais, para além de ofensas persistentes aos direitos e à dignidade de outras pessoas. Alguns estudos demonstraram que os ofensores sexuais têm um estilo de vida caracterizado com maior evidência, pelo comportamento interpessoal intrusivo (Vieira & Gonçalves, 2005).

## **V. Objectivos do estudo**

Estando o presente estudo inserido numa linha de investigação subordinada ao tema genérico “*Características Psicológicas dos Delinquentes Sexuais*”, o objectivo geral centra-se em efectuar um levantamento de informação, junto de um grupo de ofensores sexuais e respectivos processos prisionais, sobre as suas características psicológicas.

Deste modo, e nesta dissertação em específico, iremos procurar analisar a maior e menor prevalência nesta amostra das características individuais relacionadas com psicopatologia, personalidade e factores cognitivos/ emocionais. Para além deste, como objectivos específicos, pretende-se comparar as relações existentes entre vários indicadores individuais presentes na amostra, estudar a presença de estilos de vida criminais, relacionar os estilos de vida criminais com os indicadores individuais e encontrar perfis específicos de delinquentes sexuais.

## VI. Metodologia

### 6.1. Amostra

A amostra é constituída por todos os reclusos condenados por crimes sexuais<sup>3</sup> a cumprir pena de prisão em Abril de 2010, no Estabelecimento Prisional do Vale do Sousa.

No total foram identificados 20 reclusos, entre os quais foi possível diferenciar 13 indivíduos condenados por violação (artigo 164º do Código Penal), 5 indivíduos condenados por abuso sexual de menores (artigo 171º do Código Penal) e 2 indivíduos condenados por actos exibicionistas (artigo 170º do Código Penal).

Os dados sócio demográficos da amostra encontram-se na seguinte tabela 1:

**Tabela 1:** Dados sócio – demográficos da amostra de ofensores sexuais

	n	%
<b>Idade</b>		
Entre 20 e 30 anos	6	30,0
Entre 30 e 40 anos	5	25,0
Entre 40 e 50 anos	9	45,0
<b>Estado Civil</b>		
Solteiro	6	30,0
Casado	6	30,0
União de Facto	1	5,0
Divorciado	7	35,0
<b>Distrito</b>		
Aveiro	1	5,0
Porto	10	50,0
Braga	5	25,0
Vila Real	1	5,0
Viana do Castelo	1	5,0
Estrangeiro	2	10,0
<b>Profissão/ Ocupação</b>		
Construção Civil	7	35,0
Vendas	2	10,0
Prestação Serviços	9	45,0
Desempregado	2	10,0

<sup>3</sup> De acordo com o Código Penal, são indivíduos que cometeram crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual.

Relativamente à idade ( $M=36,10$ ;  $DP = 8,72$ ), como podemos verificar na tabela 1, a amostra apresenta 45% ( $n = 9$ ) de indivíduos entre os 40 e os 50 anos de idade, 30% ( $n = 6$ ) de indivíduos entre os 20 e os 30 anos de idade e, 25% ( $n = 5$ ) de indivíduos entre os 30 e os 40 anos de idade. No que respeita ao estado civil, 35% ( $n = 7$ ) são divorciados, 30% ( $n = 6$ ) são solteiros, outros 30% ( $n = 6$ ) são casados e 5% ( $n = 1$ ) vivem em união de facto. Metade dos indivíduos vive no distrito do Porto (50%,  $n = 10$ ), sendo 25% ( $n = 5$ ) do distrito de Braga, 10% ( $n = 2$ ) são oriundos de outros países, e ainda 5% ( $n = 1$ ) do distrito de Aveiro, o mesmo se verificando para o distrito de Vila Real e Viana do Castelo. Relativamente à situação profissional, apenas 10% ( $n = 2$ ) não apresentava qualquer actividade laboral aquando da detenção, sendo que os restantes 90% ( $n = 18$ ) apresentavam actividade profissional. No mesmo sentido, mas em termos de principal ocupação no momento da detenção, 45% ( $n = 9$ ) eram prestadores de serviços, 35% ( $n = 7$ ) trabalhavam na construção civil, e ainda 10% ( $n = 2$ ) executavam vendas.

## **6.2. Procedimentos**

O presente estudo iniciou-se com um pedido de autorização dirigido à direcção do Estabelecimento Prisional do Vale do Sousa a solicitar a consulta dos processos existentes na secretaria de reclusos<sup>4</sup>, nos serviços clínicos<sup>5</sup> e nos serviços de reeducação<sup>6</sup>, bem como a administração de um instrumento de avaliação do estilo de vida criminal dos reclusos. Após recepção da referida autorização, iniciou-se o processo de recolha de dados através da consulta dos processos. Procedeu-se a uma análise

---

<sup>4</sup> A secretaria de reclusos é o local onde se encontra o registo fotográfico e dactiloscópico do recluso, assim como toda a informação referente a dados demográficos (idade, naturalidade, estado civil, profissão, escolaridade, residência), condenações (circunstâncias da detenção, tipologia de crimes, circunstâncias dos crimes, postura perante os crimes), duração das penas, reincidência, punições prisionais, acórdãos e todas as questões judiciais e de adaptação à prisão.

<sup>5</sup> Nos serviços clínicos é possível recolher informações relativas ao historial médico – psiquiátrico. Em termos médicos, encontram-se sobretudo registos de doenças crónicas, infecto – contagiosas e outras; incapacidades físicas; necessidade de medicação, dificuldades encontradas no seu cumprimento e influência de efeitos secundários na conduta do recluso; internamentos; cirurgias; necessidades de serviços de enfermagem; vacinações; e ainda, antecedentes familiares de doença. Em termos psiquiátricos, há sobretudo registos relativos a presença de perturbação mental previamente diagnosticada; historial de internamentos, necessidade de medicação, dificuldade em cumprir medicação; tentativas de suicídio. Existem também frequentemente registos referentes a historial de abuso de álcool, drogas, tabaco e outras substâncias, assim como de tratamentos anteriores e actuais.

<sup>6</sup> Nos serviços de reeducação, encontram-se dados do recluso relativos ao background familiar, problemas comportamentais na infância e adolescência, dificuldades educativas e laborais, consumo de substâncias psicoactivas, antecedentes criminais, relacionamentos amorosos, dificuldades de relacionamento interpessoal, características da personalidade, capacidade de adaptação ao meio prisional; e informações relativas à inserção do recluso em actividades laborais, escolarização, aprendizagem de artes e ofícios, desporto e recreação, actividade religiosa, assistência psicológica e inclusão em programas específicos de intervenção na prisão. O processo dos serviços de reeducação inclui ainda o P.I.R. (Plano Individual de Reeducação e Readaptação) no sentido da recuperação do recluso e das suas limitações, assim como, relatórios periódicos com pareceres sobre evolução da personalidade dos reclusos durante a execução da pena, de modo a possibilitar os juízes do tribunal de execução de penas, a avaliar a persistência ou não da perigosidade e a viabilidade da sua reinserção social.



cuidadosa dos processos e à inscrição dos respectivos dados na Grelha de Análise de Processos construída no decorrer desta investigação. Estes dados são heterobiográficos, dado serem constituídos por informações recolhidas por terceiros, como por exemplo, os mais variados técnicos que acompanham o recluso ao longo do cumprimento das penas. Posteriormente, o investigador administrou de forma individual aos reclusos, a LCSF –R (Lifestyle Criminality Screening Form – Revised).

Na fase de tratamento de dados, procedeu-se ao cruzamento de dados heterobiográficos com medidas de auto – relato, numa base de dados construída em SPSS. Relativamente à Grelha de Análise de Processos, o tratamento de dados foi realizado em vários passos:

1. Análise das frequências da presença de cada um dos indicadores de cada domínio associados à ofensa sexual;
2. Análise dos valores médios e respectivos desvios padrão de indicadores presentes em cada domínio;
3. Análise das correlações dos domínios associados à ofensa sexual;
4. Identificação de perfis diferenciados de ofensores sexuais.

No que respeita à LCSF – R, o tratamento de dados foi realizado nos passos a seguir descritos:

1. Análise dos valores médios e respectivos desvios – padrão obtidos nas escalas e no total da LCSF-R existentes na amostra;
2. Comparação, apenas para casos de violação, de médias do total da escala LCSF-R e os valores de referência de Abrunhosa e Vieira (2005);
3. Correlação entre os domínios recolhidos da grelha e o total da LCSF – R no presente estudo.

### **6.3. Instrumentos**

Neste estudo, foram utilizados dois instrumentos:

- A) Uma Grelha de Análise de Processos, que tem por objectivo identificar as características psicológicas dos ofensores sexuais, e;
- B) Um instrumento estandardizado, a LCSF – R (Lifestyle Criminality Screening Form – Revised), de Avaliação do Estilo de Vida Criminal.

### **Grelha de Análise de Processos**

A grelha visa sobretudo identificar as características individuais, sobretudo as psicológicas, mais frequentemente associadas a este tipo de populações.

Foi elaborada com base na revisão bibliográfica, na leitura dos processos dos reclusos e nas problemáticas encontradas aquando do contacto com esta população em contexto prisional. No entanto, o material de base é constituído sobretudo pelos processos dos reclusos existentes nos serviços da secretária de reclusos, serviços clínicos e serviços de reeducação.

A versão final da Grelha de Análises de Processos (cf. anexo 1) engloba 13 grupos: dados demográficos, informações sobre a ofensa actual, background familiar negativo, problemas de comportamento precoces, dificuldades educacionais, dificuldades laborais, perturbações psicológicas, consumo de substâncias, história criminal, conflitos relacionamentos íntimos, desviância sexual, atitudes pró – criminais e personalidade anti - social.

O objectivo seria o investigador registar a presença de cada variável quando a informação existente no processo permitisse assinalar com razoável grau de confiança a sua presença na vida do indivíduo (i.e. obtém-se dados heterobiográficos). Apenas os grupos correspondentes aos dados demográficos e às informações sobre a ofensa actual, apresentam formas de registo divergentes. O grupo referente aos dados demográficos não é de resposta sim/não mas de preenchimento dactilografado. O grupo referente às informações sobre a ofensa actual apresenta vários subgrupos com opções de preenchimento distinto: subgrupo *Circunstâncias da Detenção* possui as opções “Local do Crime”, “Residência do Ofensor”, “Outros”; subgrupo B2 *Crimes* possui as opções “Abuso Sexual Menores”, “Abuso Sexual Menores Dependentes”, “Actos Exibicionistas”, “Coacção Sexual”, “Violação”, “Outros”; subgrupo *Circunstâncias do Crime* possui as opções “Ocasional” ou “Planeado”, o subgrupo *Postura perante o crime* possui as opções “Assume o Crime” ou “Nega o Crime”.

***Lifestyle Criminality Screening Form – Revised (LCSF-R)***

A **LCSF-R** (Lifestyle Criminality Screening Form – Revised) que é um instrumento Forense do tipo Checklist, que identifica e quantifica 4 escalas, a irresponsabilidade, auto-desculpabilização, comportamento interpessoal intrusivo e violação das regras sociais, e permite ainda a obtenção de um score global que, sendo igual ou superior a 10 indica a presença clara de um estilo de vida criminal. É um bom instrumento para avaliação e é um eficaz preditor dos problemas de ajustamento e adaptação dos ofensores à comunidade. A teoria que suporta este instrumento refere que os indivíduos com estilo de vida anti-social têm comportamentos mais adequados quando inseridos em ambientes mais estruturados.

A LCSF-R tem demonstrado que faz mais sentido considerar o valor total obtido pelo sujeito, atendendo a que o número de itens em cada sub-escala (estilo) é bastante reduzido (entre 3 a 4) do que o obtido em cada subescala, ainda que o score no comportamento interpessoal intrusivo se revele importante na avaliação do grau de agressividade dos sujeitos. As escalas da irresponsabilidade, da auto – indulgência e a violação de regras sociais predizem melhor os problemas ao nível da disciplina. Genericamente, este instrumento revelou boas correlações com a história de vida criminal, o distúrbio de personalidade anti-social, a adaptação institucional e a reincidência no crime (Walters, 1991, 1995; Walters & Chlumsky, 1993; Walters & McDonough, 1998; Walters, Revella & Baltrusaitis, 1990; cit in Gonçalves & Vieira, 2005). Neste sentido e, comparativamente com outros instrumentos, a LCSF – R tem se revela eficaz na avaliação de situações de risco, adaptação institucional ou reincidência.

Esta escala é composta por 14 itens distribuídos pelas 4 escalas em que a pontuação atribuída a cada item pode ser de 0, 1 ou 2, de acordo com instruções específicas constantes da folha de respostas do instrumento. É cotada mediante a consulta de informação contida nos dossiers institucionais de cada indivíduo, pelo que a inexistência desta informação inviabiliza a cotação. O score total desta prova pode variar de 0 a 22, no qual valores superiores a 10 indicam presença de um estilo de vida criminal (Walters, 1998 cit in Gonçalves e Vieira, 2005).

## VII. Resultados

Os resultados que serão apresentados encontram-se divididos em três pontos. Em primeiro lugar, analisaram-se os dados heterobiográficos resultantes da grelha de análise de processos. De seguida, examinaram-se os resultados da aplicação da escala LCSF-R para avaliação do estilo de vida criminal. Por fim, estudou-se a relação entre dados longitudinais e de auto-relato.

### 7.1. Dados heterobiográficos

Os dados recolhidos através da Grelha de Análise de Processos, foram analisados tendo em conta a frequência de cada um dos indicadores associados à ofensa sexual. A tabela 2 apresenta os indicadores que apresentaram maior e menor frequência em cada um dos domínios.

**Tabela 2:** Frequências dos principais indicadores de cada domínio associados à ofensa sexual

Indicadores	Domínios	N	%
Abstenção e/ ou abandono escolar Problemas sexuais	Dificuldades educacionais Desviância sexual	20	100
Desrespeito pelos sentimentos dos outros	Personalidade anti – social	19	95
Precariedade económica Reduzidas habilitações literárias Reduzida capacidade de controlo dos impulsos	Background familiar negativo Dificuldades educacionais Personalidade anti – social	18	90
Ocupações precárias e/ ou mal remuneradas Falta de empatia com a vítima	Dificuldades laborais Atitudes pró – criminais	17	85
Comportamentos desajustados Historial de reprovações Actos irracionais	Problemas de comportamento precoces Dificuldades educacionais Personalidade anti – social	16	80
Agregado familiar numeroso e desestruturado Dificuldades de aprendizagem Reduzida tolerância à frustração	Background familiar negativo Dificuldades educacionais Personalidade anti – social	15	75
Abuso psicológico Reduzida satisfação sexual Tolerância para com os crimes sexuais	Background familiar negativo Desviância sexual Desviância sexual	4	20
Abuso físico Fugas de casa/ lar substituto Tentativas de suicídio Inicio precoce da actividade sexual	Background familiar negativo Problemas de comportamento precoces Perturbações psicológicas Desviância sexual	3	15
Antecedentes psiquiátricos na família Expulsão e/ ou suspensão da escola Transferência de escola Reduzidos conhecimentos sobre a sexualidade Tolerância para com o crime em geral	Background familiar negativo Dificuldades educacionais Dificuldades educacionais Desviância sexual Atitudes pró – criminais	2	10
Abuso sexual Historial de abuso de medicação	Background familiar negativo Consumo de substâncias	1	5

Como podemos verificar na tabela 2, é possível descrever os indicadores com maior e menor frequência em cada domínio presentes na nossa amostra de delinquentes sexuais.

Os indicadores com maior frequência assinalados nos processos encontram-se nos domínios *dificuldades educacionais* (abstenção e/ ou abandono escolar, reduzidas habilitações literárias, historial de reprovações, dificuldades de aprendizagem) e *personalidade anti – social* (desrespeito pelos sentimentos dos outros, reduzida capacidade de controlo dos impulsos, actos irracionais, reduzida tolerância à frustração). Seguidamente, surgem os indicadores pertencentes ao domínio *background familiar negativo*, tais como precariedade económica, agregado familiar numeroso e desestruturado. Os indicadores com menor frequência surgem essencialmente nos domínios *background familiar negativo* e *desviância sexual*, dando indicação da inexistência de abusos (físico, psicológico e sexual), de reduzidos conhecimentos sobre sexualidade, de início precoce da actividade sexual, de tolerância para com os crimes sexuais e de reduzida satisfação sexual. Relativamente aos indicadores pertencentes aos domínios *perturbações psicológicas* e *conflitos nos relacionamentos íntimos*, estes são praticamente inexistentes.

De forma a examinar a importância dos domínios, procurou-se calcular para cada domínio o valor médio dos indicadores que cada um representa<sup>7</sup>. Os resultados obtidos encontram-se expostos na tabela 3.

**Tabela 3:** Médias e Desvios padrão de indicadores presentes em cada domínio

Domínios	M	Dp
1. Background familiar negativo	0,40	0,23
2. Problemas de comportamento precoces	0,44	0,27
3. Dificuldades educacionais	0,65	0,25
4. Dificuldades laborais	0,46	0,28
5. Perturbações psicológicas	0,33	0,29
6. Consumo de substâncias	0,41	0,26
7. História criminal	0,39	0,28
8. Conflitos relacionamentos íntimos	0,48	0,36
9. Desviância sexual	0,14	0,19
10. Atitudes pró – criminais	0,38	0,25
11. Personalidade anti – social	0,65	0,25

<sup>7</sup> Isto é, toma-se como índice da importância de cada domínio o número médio de características assinaladas face ao seu número total.

Como podemos verificar na tabela anterior, os domínios que apresentam em média mais indicadores são as *Dificuldades educacionais* e a *Personalidade anti – social*. Por outro lado, os valores médios menos relevantes, localizaram-se nos domínios *Perturbações Psicológicas* e, sobretudo na *Desviância Sexual*, que se encontra muito abaixo dos valores dos restantes domínios.

De seguida, foi realizada uma correlação entre os domínios associados à ofensa sexual. Os resultados obtidos encontram-se expostos na tabela 4:

**Tabela 4:** Correlação dos domínios associados à ofensa sexual

r PEARSON	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. Background familiar negativo											
2. Problemas de comportamento precoces	0,63**										
3. Dificuldades educacionais	0,48*	0,73**									
4. Dificuldades laborais	0,16	-0,09	0,05								
5. Perturbações psicológicas	0,07	-0,03	0,16	0,03							
6. Consumo de substâncias	0,43	0,50*	0,44	0,17	0,04						
7. História criminal	0,17	0,51*	0,11	0,02	-0,03	0,42					
8. Conflitos relacionamentos íntimos	0,33	0,25	0,45*	0,20	0,57**	0,47*	0,04				
9. Desviância sexual	0,31	0,29	0,45*	0,28	0,38	0,12	0,02	0,26			
10. Atitudes pró – criminais	-0,04	0,38	0,52*	-	0,24	0,33	0,25	0,11	0,50*		
11. Personalidade anti – Social	0,23	0,39	0,43	0,20	0,44	0,47*	0,22	0,38	0,51*	0,78**	

Como podemos verificar na tabela 4, as correlações são maioritariamente positivas, o que significa que existe uma tendência para os domínios estarem relacionados.

Analisando as correlações significativas, as *dificuldades educacionais* são o domínio que se relaciona com mais domínios diferentes, tais como, background familiar negativo, problemas de comportamento precoces, conflitos relacionamentos íntimos, desviância sexual e atitudes pró – criminais. Os *problemas de comportamento precoces*

relacionam-se positivamente com os domínios background familiar negativo, dificuldades educacionais, consumo de substâncias e história criminal. As *dificuldades laborais* não apresentaram uma relação significativa com nenhum domínio. As *perturbações psicológicas* demonstraram relacionar-se com conflitos nos relacionamentos íntimos. O *consumo de substâncias* e a *história criminal* associam-se sobretudo a problemas de comportamento precoces. Os *conflitos nos relacionamentos íntimos* relacionam-se com dificuldades educacionais, perturbações psicológicas e consumo de substâncias. A *desviância sexual* associa-se a dificuldades educacionais. As *atitudes pró – criminais* encontram-se ligadas às dificuldades educacionais e à desviância sexual. E por fim, a *personalidade anti – social* relaciona-se com o consumo de substâncias, desviância sexual e atitudes pró – criminais.

De seguida, e no sentido de agrupar as características associadas à ofensa sexual, foi realizada uma análise factorial cujos resultados estão patentes na tabela 5.

**Tabela 5:** Análise Factorial das características associadas à ofensa sexual

Factores e resumo dos itens	M	Saturações		
		I	II	III
<b>Delinquente</b> (Factor1: 26,1%)				
- Problemas Comportamento Precoce	0,44	0,89	0,22	-0,04
- Background Familiar Negativo	0,40	0,72	-0,12	0,44
- Consumo de Substâncias	0,42	0,72	0,18	0,20
<b>Psicopata</b> (Factor2: 23,0%)				
- Atitudes Pró – Criminais	0,38	0,23	0,91	-0,20
- Personalidade Anti – Social	0,65	0,29	0,82	0,19
- Desviância Sexual	0,14	0,13	0,64	0,36
<b>Inadaptado</b> (Factor3: 16,1%)				
- Conflitos Relacionamentos íntimos	0,48	0,28	0,22	0,76
- Perturbações Psicológicas	0,33	-0,19	0,52	0,58
- Dificuldades Laborais	0,46	0,03	0,01	0,52

A AFPC das características associadas à ofensa sexual, é permitida pela correlação entre variáveis ( $KMO = 0,55$ ), sendo identificados 3 factores que, no conjunto, são responsáveis por 65,2% da variância total dos resultados. A rotação *varimax* mostra que os factores agrupam itens com contribuições relativamente elevadas que permitem identificar três perfis associados à ofensa: o Delinquente, o Psicopata e o Inadaptado. O primeiro factor agrega domínios, tais como, problemas comportamentais precoces, background familiar negativa e consumo de substâncias. Já o segundo factor

agrega características associadas à psicopatia, designadamente as atitudes pró – criminais, personalidade anti – social e a desviância sexual. Um terceiro factor fundamenta a ofensa sexual na inadaptação social, resultante de conflitos nos relacionamentos íntimos, perturbações psicológicas e dificuldades laborais.

Por fim, através da análise dos scores factoriais de cada participante, procedeu-se à integração dos indivíduos da amostra em três grupos de indivíduos, designados de perfis. Os resultados encontram-se na tabela 6.

**Tabela 6:** Classificação em perfis dos indivíduos da nossa amostra

Perfis	N	%
Delinquente	9	45
Psicopatia	6	30
Inadaptado	5	25
Total	20	100

Como podemos verificar na tabela 9, e não obstante o reduzido efectivo da nossa amostra (n=20), foram encontrados 9 indivíduos considerados como pertencentes ao perfil “Delinquente”, 6 indivíduos considerados como pertencentes ao perfil “Psicopata” e 5 indivíduos considerados como pertencentes ao perfil “Inadaptado”.

## **7.2. Estilo de Vida Criminal**

Walters (1990, 1998) desenvolveu um modelo de cariz fundamentalmente cognitivo, em que a criminalidade é percebida como um estilo de vida marcado pela irresponsabilidade, auto-indulgência, comportamento interpessoal intrusivo e a violação de regras sociais. De acordo com este autor, tem que se ter em conta quatro aspectos fundamentais na avaliação do estilo de vida do indivíduo: as condições, a escolha, as cognições e o comportamento. Baseando-nos neste modelo, passou-se de seguida à discriminação dos valores médios e respectivos desvios padrão dos indivíduos nas quatro escalas da LCSF-R, tal como se encontra na tabela 7.



**Tabela 7:** Médias e Desvios padrão das escalas e total da LCSF-R existentes na amostra

Escalas LCSF-R	M	Dp
I. Irresponsabilidade	2,00	1,39
II. Auto – Indulgência	1,90	1,17
III. Comportamento Interpessoal Intrusivo	2,50	0,61
IV. Violação de Regras Sociais	1,05	0,83
Total	7,45	2,61

Como podemos verificar a partir da tabela 7, e analisando a escala LCSF-R, verificaram-se médias mais elevadas ao nível do Comportamento Interpessoal Intrusivo, o que significa que a nossa amostra se caracteriza por um estilo de vida criminal onde predomina o desrespeito pelos direitos dos outros, nomeadamente a sua dignidade e vontade pessoais. Neste grupo são considerados indivíduos, como ofensores sexuais, que cometem crimes muitas vezes de forma violenta, adaptando um padrão de comportamento marcado por uma agressividade elevada. As médias mais baixas encontram-se ao nível da Violação de Regras Sociais.

De seguida, procedeu-se à comparação apenas para os casos de violação<sup>8</sup>, dos valores médios totais na LCSF-R da nossa amostra e dos valores de referência obtidos por Abrunhosa e Vieira (2005). Os resultados, após *One Sample T Test* encontram-se na tabela 8.

**Tabela 8:** Comparação, apenas para casos de violação, de médias do total da escala LCSF – R e os valores de referências de Abrunhosa e Vieira (2005)

LCSF-R	Grupo	M	T	Gl	P
	Amostra	7,62			
Total			4,48	12	0,001**
	Valores de referência	4,27			

\*\* p < 0,001

<sup>8</sup> Especificaram-se os valores obtidos para o crime sexual por comparação com os valores de referência obtidos por Abrunhosa e Vieira (2005), devido à nossa amostra ser maioritariamente de ofensores sexuais e ser esta população que procuramos caracterizar.

Como podemos verificar na tabela 6, os resultados obtidos revelam que as diferenças das médias são significativas, demonstrando que a nossa amostra de indivíduos detidos por violação pontua mais elevado no total da LCSF-R comparativamente aos valores de referência obtidos por Abrunhosa e Vieira (2005).

### 7.3. Relação entre os dados heterobiográficos e os estilos de vida criminais auto-reportados

De seguida, procedeu-se a uma correlação entre os domínios associados à ofensa sexual e o total da escala LCSF-R de cada participante. Os dados obtidos encontram-se na tabela 9.

**Tabela 9:** Correlação entre os domínios recolhidos da grelha e o total da LCSF – R neste estudo

r PEARSON	Estilo de Vida Criminal Total LCSF - R
Background familiar negativo	0,12
Problemas de comportamento precoces	0,25
Dificuldades educacionais	0,34
Dificuldades laborais	0,49*
Perturbações psicológicas	0,13
Consumo de substâncias	0,58**
História criminal	0,47**
Conflitos relacionamentos íntimos	0,32
Desviância sexual	0,24
Atitudes pró – criminais	0,31
Personalidade anti – Social	0,33

\* p < 0,05

\*\* p < 0,01

Como podemos verificar na tabela 9, os dados auto – reportados são congruentes com os dados recolhidos através da grelha de análise de processos. Foram encontradas correlações positivas entre o total da LCSF-R e todos os domínios resultantes da grelha de análise de processos, sendo estas positivas com os seguintes três domínios: *dificuldades laborais, consumo de substâncias e história criminal.*

## **VIII. Discussão dos resultados**

Neste capítulo pretendemos interpretar os resultados obtidos, apreciando-os criticamente e relacionando-os, sempre que possível, com a revisão da literatura. Posteriormente, e depois de realizar uma compreensão do significado dos resultados, iremos apresentar as conclusões do estudo.

A pergunta de partida que pautou a nossa investigação, i.e. quais as características psicológicas detectadas nos ofensores sexuais, encontra a sua complexa resposta ao longo da discussão dos resultados associados a cada objectivo específico. Tendo em conta os referenciais teóricos abordados, houve a procura na nossa amostra da presença de alguns indicadores associados à ocorrência de delinquência sexual.

O objectivo de pesquisar a existência de características relacionadas com aspectos psicopatológicos e psicossociais na nossa amostra foi percorrido através sobretudo da Grelha de Análise de Processos.

Os transtornos de personalidade são uma das perturbações mais comumente diagnosticadas em casos de ofensa sexual repetida. A razão básica é o distúrbio de personalidade conceitualmente descrever um padrão mal – adaptativo de comportamento (e/ ou experiência interior) e as repetidas ofensas sexuais podem representar uma parcela importante de tal padrão. A definição subjacente, ou critérios gerais de diagnóstico, para um transtorno de personalidade descrevem-no como um distúrbio com um padrão persistente de comportamento desviante que se manifesta em duas ou mais áreas como sendo a cognição, a afectividade, o funcionamento interpessoal, o controlo dos impulsos; através de uma ampla gama de situações pessoais e sociais que levam ao sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional (Doren, 2002).

Hanson e Bussiere (1998), na sua meta – análise de factores de risco, identificam a preferência sexual desviante como o factor mais associado à delinquência sexual; assim como Hanson e Morton – Bourgon (2004). Em 2005, numa meta – análise de 82 estudos de reincidência (1620 resultados de 29, 450 agressores sexuais), Hanson e Morton – Bourgon identificaram as preferências sexuais desviantes e as orientações anti - sociais como principais preditores de reincidência sexual em agressores sexuais. No nosso estudo foi comprovada a importância da personalidade anti – social, ao contrário dos interesses sexuais desviantes, que apresentam dados insuficientes nos processos dos reclusos. A maioria dos indivíduos da nossa amostra apresenta valores concordantes com a

presença de personalidade anti – social como uma das suas principais características, incluindo indicadores de hostilidade, agressividade, reduzida auto – estima, reduzida tolerância à frustração, desrespeito pelos sentimentos dos outros, reduzida capacidade de experienciar a culpa, reduzida capacidade de controlo dos impulsos e actos irracionais.

Malinosky – Rummell e Hansen (1993) afirmaram que as crianças abusadas fisicamente ou negligenciadas tendem a tornar-se ofensores ao longo da vida; assim como para, Widom e Ames (1994), o abuso sexual de crianças pode levar a crimes sexuais na idade adulta. Para chegarem a estas conclusões os autores basearam-se na teoria da aprendizagem social, argumentando que as crianças aprendem por imitação, modelagem e reforço. Na nossa amostra, o indicador abuso sexual na infância, assim como o abuso físico e psicológico, revelou-se um dos menos frequentemente associados à ofensa sexual.

Swanson, Holzer, Ganju e Jono (1990) procuraram demonstrar que determinados indivíduos que sofrem de transtorno mental são mais propensos a cometer a ofensa, embora recentemente não se comprove que haja uma relação directa entre perturbações mentais e o crime sexual. No nosso estudo, não se confirmou a presença de problemas psicológicos.

O objectivo de pesquisar a existência de um estilo de vida criminal na nossa amostra foi percorrido através da utilização da escala LCSF-R.

De acordo com Gottfredson e Hirschi (1990), o crime sexual está intimamente ligado a trajectória de vida desviante (historial de ofensas anteriores), enquanto que para Vieira e Gonçalves (2005), os ofensores sexuais se diferenciam quanto ao estilo de vida criminal. Alguns estudos demonstraram que os ofensores sexuais têm um estilo de vida caracterizado com maior evidência, pelo comportamento interpessoal intrusivo (Vieira & Gonçalves, 2005). Comparativamente aos estudos efectuados por Gonçalves e Vieira (2005), a nossa amostra é detentora de um estilo de vida criminal ainda mais elevado. Para além disso, o nosso estudo comprovou que a grande maioria dos ofensores sexuais apresentam pontuações mais elevadas numa das escalas da LCSF-R, denominada de *comportamento interpessoal intrusivo*, o que significa que a nossa amostra se caracteriza por um estilo de vida criminal onde predomina o desrespeito pelos direitos dos outros, nomeadamente a sua dignidade e vontades pessoais. O comportamento interpessoal intrusivo predomina sobretudo num dos nossos perfis, o denominado de *Perfil Psicopata*. A escala que se refere à violação das regras sociais é aquela que apresenta uma pontuação mais baixa, que significa que a problemática nestes ofensores não se encontra ao nível da aceitação de normas sociais. Estes individuais não revelam indiferença perante as normas, leis e regras da sociedade, não as violam ostensivamente ou procuram manipulá-las em seu proveito e com prejuízo para terceiros. No entanto,

na nossa amostra há uma exceção em relação à violação de regras sociais, que corresponde ao *Perfil Inadaptado*.

Para Gottfredson e Hirschi (1990), o crime sexual está intimamente ligado a trajetória de vida desviante (historial de ofensas anteriores), enquanto que para Vieira e Gonçalves (2005), os ofensores sexuais se diferenciam quanto ao estilo de vida criminal. Este estilo de vida criminal seria caracterizado pela irresponsabilidade na escola, no trabalho e em casa, a que se aliaria uma propensão para o envolvimento em actividades marcadas pela indiferença, a desinibição, a impulsividade e a auto – desresponsabilização, tais como o abuso do álcool e drogas, a promiscuidade sexual, a violação de normas, regras e costumes sociais, para além de ofensas persistentes aos direitos e à dignidade de outras pessoas. Alguns estudos demonstraram que os ofensores sexuais têm um estilo de vida caracterizado com maior evidência, pelo comportamento interpessoal intrusivo (Vieira & Gonçalves, 2005). O nosso estudo foi comprovada a relação entre o estilo de vida criminal e algumas das características existentes nos processos dos reclusos, nomeadamente, a história criminal, o consumo de substâncias e as dificuldades laborais.

Alguns autores (ex. McCord (1982); Farrington (1990); Brownfield & Sorenson (1994) demonstraram a existência de uma relação entre o funcionamento familiar e a ocorrência de ofensa sexual. Hanson e Morton – Bourgon (2005), entre outros autores, procuraram encontrar evidências que comprovassem que a ofensa sexual estaria associada à presença de uma psicopatologia, quer ao nível da existência de uma perturbação de personalidade quer de uma perturbação sexual. Ainda Reiss e Farrington (1991); Andrews (1995) e Bonta (1998); entre outros autores, associaram o crime sexual a factores psicossociais. Do mesmo modo, na nossa amostra foram identificados três perfis diferenciados e associados à ofensa sexual. O perfil de Delinvente é aquele que se caracteriza por problemas comportamentais precoces, background familiar negativo e consumo de substâncias, caracterização esta que vai de encontro ao demonstrado pelos autores que defendiam que a ofensa sexual estaria associada a factores de risco familiares. O perfil de Psicopata é aquele que se caracteriza pela existência de um transtorno de personalidade anti-social e desviância sexual, caracterização esta semelhante à elaborada na meta – análise de Hanson e Morton – Bourgon (2005). Por fim, o perfil de Inadaptado é aquele cuja caracterização aponta para inadaptação social, conflitos nos relacionamentos íntimos, perturbações psicológicas e dificuldades laborais, o que vai de encontro a uma caracterização que aponta essencialmente para factores psicossociais. Torna-se ainda fundamental salientar que o perfil mais frequente na nossa amostra é o do ofensor sexual com elevados factores de risco na infância, sobretudo ao nível da pertença de uma família

desestruturada e de indícios de delinquência juvenil, nomeadamente comportamentos desviantes e consumos de substâncias. Ou seja, aparece com mais frequência o perfil do ofensor “delinquente”.

## **IX. Conclusão**

Como pudemos constatar no nosso estudo, a delinquência sexual é um fenómeno complexo que se faz sentir de uma forma ou de outra em todas as culturas e sociedades, constituindo um complexo fenómeno resultante de uma combinação de características biológicas, psicológicas e sociais.

Embora seja cada vez mais uma temática actual na nossa sociedade, ainda se denota algum tabu e dificuldade de abordagem, o que faz com que os ofensores sexuais ainda representem uma espécie de delinquentes desconhecida da maioria dos investigadores que estudam o fenómeno criminal em Portugal.

O conceito de violência sexual não se afigura fácil, oscilando a abrangência do mesmo de autor para autor, o que contribui para resultados díspares consoante os estudos lhe dão maior ou menor amplitude. Apesar da complexa teia de considerações circundantes do conceito, registamos a existência de aspectos comuns, mais concretamente, a coerção e o diferencial de poder.

A meta – análise desenvolvida por Hanson e Morton - Bourgon (2005) com o intuito de detectar as características dos ofensores sexuais persistentes, revelou-se um campo fértil de estudo e com implicações de cariz preventivo. E após nos debruçarmos sobre a prevalência do fenómeno, permanece no nosso espírito a inquietante ideia segundo a qual “*não nos restam dúvidas de que apenas se conhece uma ponta do iceberg*”.

O objectivo inicial da presente investigação consistia em identificar as características psicológicas dos delinquentes sexuais

Desta forma, propusemo-nos a realizar um levantamento, junto de uma amostra de 20 reclusos condenados por crimes sexuais, utilizando uma grelha de análise de processos e uma escala de avaliação do estilo de vida criminal.

Deste modo, foi-nos possível concluir que, embora ainda que não existam interesses sexuais desviantes, abusos (físico, psicológico e/ ou sexual) na infância e perturbações psicológicas, os delinquentes sexuais apresentam dificuldades

educacionais e características de personalidade anti – social, onde predomina a hostilidade, agressividade, reduzida auto – estima, reduzida tolerância à frustração, desrespeito pelos sentimentos dos outros, reduzida capacidade de experienciar a culpa, reduzida capacidade de controlo dos impulsos e actos irracionais.

Mais do que conseguir saber, a nível percentual, as características que existem, ou não existem, relativamente aos delinquentes sexuais, a presente dissertação teve como finalidade reflectir sobre as mesmas e sobre o modo como se relacionam com o estilo de vida do indivíduo.

Das diferentes dimensões através das quais a LCSF-R nos permitia avaliar o estilo de vida criminal, foi – nos possível verificar que, os delinquentes sexuais não possuem, na generalidade, tendência para a violação das regras sociais, nem tão pouco irresponsabilidade ou auto - indulgência. Contudo, os delinquentes sexuais demonstraram possuir um elevado estilo de vida criminal, caracterizado por um estilo de intrusividade interpessoal, onde predomina o desrespeito pelos direitos dos outros, nomeadamente a sua dignidade e vontades pessoais.

Quando à relação entre o estilo de vida criminal e algumas características do delinvente sexuais, os delinquentes sexuais ostentam historial de ofensas anteriores, consumo de substâncias psicoactivas e dificuldades laborais.

No que concerne aos perfis dos delinquentes sexuais, foram diferenciadas três tipologias: o Delinquente, o Psicopata e o Inadaptado. O perfil de *Delinquente* caracteriza-se por problemas comportamentais precoces, background familiar negativo e consumo de substâncias. O perfil de *Psicopata* caracteriza-se pela existência de um transtorno de personalidade anti-social e desviância sexual. O perfil de *Inadaptado* caracteriza-se pela inadaptação social, conflitos nos relacionamentos íntimos, perturbações psicológicas e dificuldades laborais, o que vai de encontro a uma caracterização que aponta essencialmente para factores psicossociais.

Ainda em relação aos perfis, verifica-se que o mais frequente é o do ofensor sexual com elevados factores de risco na infância, sobretudo ao nível da pertença de uma família desestruturada e de indícios de delinquência juvenil, nomeadamente comportamentos desviantes e consumos de substâncias. Ou seja, aparece com mais frequência o perfil do ofensor *Delinquente*.

Posto isto, as maiores dificuldades sentidas no decorrer desta investigação prenderam-se com a amostra utilizada e com o método de investigação. A amostra foi limitativa por não ser de conveniência, apenas era constituída por 20 indivíduos, e o método de investigação, por ser

baseado numa grelha de análise de processos, nos quais algumas áreas de funcionamento do indivíduo não são contempladas, nomeadamente, indicadores relativos à intimidade.

Em suma, consideramos que existe, quanto ao estado de conhecimento da temática da delinquência sexual um longo caminho pela frente, no entanto pretendemos que esta dissertação represente mais um contributo para um melhor conhecimento do ofensor sexual.

## **X. Bibliografia**

Almeida, C., Vilalonga, J. (2008). *Código de Processo Penal*. Coimbra: Edições Almedina.

Andrews, D., Bonta, J. (2003). *The Psychology of Criminal Conduct*. 3ªed. Cincinnati (EEUU): Anderson Publishing Co.

Barbaree, H., Marshall, W. (2008). *The Juvenile Sex Offender*. 2ª ed. New York: The Guilford Press.

Connolly, M. (2004). Development Trajectories and Sexual Offending. *Qualitative Social Work*. Sage Publications London, 3(1): 39 – 59.

Cusson, M. (1998). *Criminologie Actuelle*. 1ª ed. Paris: Presses Universitaires de France.

Doren, D. (2002). *Evaluating Sex Offenders: a Manual for Civil Commitment and Beyond*. United States: SAGE Publications.

Farrington, D.P. (1996). The explanation and prevention of youthful offending. En P. Cordelia y L. Siegel (eds). *Reading in contemporary criminological theory*. Boston: Northeastern University Press.



Hanson, R., Morton – Bourgon, K. (2005). The characteristics of Persistent Sexual Offenders: Meta – Analysis of Recidivism Studies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73, 6, 1154 – 1163.

Harris, G., Rice, M., Lalumière, M., Quinsey, V., Boer, D., Lang, C. (2003). A Multisite Comparison of Actuarial Risk Instruments for Sex Offenders. *Psychological Assessment*, 15, 3, 413 – 425.

Hollin, C. (2000). *Offender Assessment and Treatment*. UK: John Wiley & Sons, Ltd.

Houston, J. (1993). *Making Sense with Offenders: Personal Constructs, Therapy and Change*. London: John Wiley & Sons, Ltd.

Illescas, S. R., Ramirez, M., Garcia, M., Reina, E. (1995) Agresores Sexuales: Perfiles Criminales y Riesgo de Reincidencia. Acedido em 15/07/ 2010, disponível em <http://new.pensamientopenal.com.ar/01092009/ejecucion06.pdf>

Iria, C., Barbosa, F. (2008). *Psicopatas Criminosos e Não Criminosos: Uma Abordagem Neuropsicológica*. Porto: Livpsic/ Legis Editora.

Galtung (1995). *Investigaciones teoricas. Sociedade y cultura contemporâneas*. Madrid: Tecnos/ Instituto de Cultura Juan Gil – Albert.

Gonçalves, R. A., Vieira, S. (1999). Psychopathy and offender types. Results from a portuguese prison sample. *International Journal of Law and Psychiatry*, 22, 337-346.

Gonçalves, R. A., Vieira, S. (2005). A avaliação do estilo de vida criminal em ofensores sexuais. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 1, 081 – 092.

Laws, D., Hudson, S., Ward, T. (1996). *Remaking Relapse Prevention with Sex Offenders*. United States: SAGE Publications.

Loeber, R., Green, S.M., Lahey, B.B. (2003). Risk factors for adult antisocial behavior. En D.P. Farrington y J.W. Coid (eds.) *Early Prevention of Adult Antisocial Behaviour*. Cambridge: University Press.

Maguire, M., Morgan, R., Reiner, R. (2007). *The Oxford Handbook of Criminology*. 4ª ed. UK: Oxford University Press.

Marshall, W. (2006). *Stability and Change: Dynamic risk factors for sexual offenders*. Chichester: Wiley series in forensic clinical psychology.

Marshall, W., Marshall, L. (2002). *Cómo llega alguien a convertirse en un delincuente sexual?* In Redondo, S. (Coord.). *Delincuencia sexual y sociedad*. Barcelona: Editorial Ariel.

Marshall, W., Serran, G. (2001). *Naturaleza y alcance del delito sexual y su prevención* In Marshall, W. (Coord.) *Agresores sexuales*. Barcelona: Editorial Ariel

McGuire, J., Mason, T., O'Kane, A., (2000). *Behaviour, Crime and Legal Processes*. England: John Wiley & Sons, Ltd.

Mezquita, B. (2007). *Manual de Psicología Forense*. Madrid: Editorial Síntesis.

Millon, T., Simonsen, E., Birket – Smith, M., Davis, R. (1998). *Psychopathy: Antisocial, Criminal and Violent Behaviour*. New York: The Guilford Press.

Mormont, C. (2006). *Abuso Sexual de Crianças: o psicólogo na encruzilhada da ciência com a justiça*. In Fonseca, A., Simões, M., Pinho, M. (Eds.). *Psicologia Forense*. Coimbra: Almedina

Paulino, M. (2009). *Abusadores Sexuais de Crianças – A verdade escondida*. 1ª ed. Prime Books.

Rojas, L. (1995). *Las Semillas de la violència*. Madrid: Espasa - Calpe.

Smallbone, W. (2006). *An attachment – theoretical revision of Marshall and Barbaree’s integrated theory of the etiology of sexual offending* In Marshall, W., Fernandez, Y., Marshall, L. & Serran, G. (Eds.) *Sexual offender treatment*. Chichester: Wiley series in forensic clinical psychology.

Tortosa, J. M. (1994). *Violência y Pobreza: una relación estrecha*. España: Papeles.

Towl, G., Crighton, D. (1996). *The Handbook of Psychology for Forensic Practitioners*. Britain: Routledge Editorial.

# **Anexos**

# **Anexo I**

## Grelha de Análise de Processos

## **Anexos II**

Lifestyle Criminality Screening Form – Revised (LCSF-R)

## **Anexos III**

Resumo para submissão de comunicação oral

## **Características Psicológicas dos Delinquentes Sexuais**

*Cátia Pereira e Jorge Quintas*

Departamento de Psicologia do ISCS - N

UnIPSa

### **Resumo**

Os objectivos deste estudo centram-se genericamente num levantamento de informação, junto de um grupo de ofensores sexuais e respectivos processos prisionais, sobre as características psicológicas deste grupo de ofensores. De forma específica, por um lado, procura-se analisar a maior e menor prevalência de características individuais relacionadas com psicopatologia, personalidade e factores cognitivos/ emocionais; por outro, pretende-se comparar as relações existentes entre vários indicadores individuais presentes na amostra, estudar a presença de estilos de vida criminais, relacionar os estilos de vida criminais com os indicadores individuais e encontrar perfis específicos de delinquentes sexuais.

A amostra é constituída por todos os reclusos condenados por crimes sexuais a cumprir pena de prisão em Abril de 2010, no Estabelecimento Prisional do Vale do Sousa, entre os quais foi possível diferenciar 13 indivíduos condenados por violação, 5 indivíduos condenados por abuso sexual de menores e 2 indivíduos condenados por actos exibicionistas. No total foram identificados 20 delinquentes sexuais, maioritariamente entre os 40 e os 50 anos de idade, divorciados e pertencentes ao distrito do Porto. O estudo da estruturação das características individuais teve três níveis de análise: dados heterobiográficos, estilo de vida criminal auto – reportado e cruzamento de dados heterobiográficos com medidas de auto – relato, numa base de dados construída em SPSS. Para cada um destes níveis foram seleccionados, adaptados ou construídos instrumentos específicos.

Destacaram-se como principais características dos delinquentes sexuais, a existência de uma personalidade anti – social e de dificuldades educacionais. Foi também definido um estilo de vida criminal, onde predomina o comportamento interpessoal intrusivo, e se associa um historial de ofensas anteriores, consumo de substâncias psicoactivas e dificuldades laborais. Foram estabelecidos três perfis



diferenciados: o Delinquente, o Psicopata e o Inadaptado, sendo que o primeiro é o mais frequente na amostra em estudo.

## **Abstract**

The objectives of this study focus on a survey of general information, with a group of sexual offenders and their detention processes on the psychological characteristics of this group of offenders. Specifically, on the one hand, seeks to analyze the highest and lowest prevalence of individual characteristics related to psychopathology, personality factors and cognitive / emotional, on the other, intended to compare the relationships between various individual indicators in the sample, study the presence of criminal lifestyles, linking the criminal lifestyle indicators with individual profiles and find specific sexual offender.

The sample consists of all prisoners convicted of sexual crimes to serve time in prison in April 2010, the Prison of the Vale do Sousa, among whom it was possible to differentiate 13 individuals convicted of rape, five individuals convicted of sexual abuse of minors and two individuals convicted of exhibitionist acts. A total of 20 sex offenders were identified, mostly between 40 and 50 years old, divorced and belonging to the district of Porto. The study of individual characteristics of the structure had three levels: data heterobiográficos, criminal lifestyle, self - reported and cross-checking heterobiográficos with measures of self - report, a database built in SPSS. For each of these levels were selected, adapted or built specific tools.

Stood out as the main characteristics of sexual offenders, the existence of an antisocial personality and educational difficulties. It also defined a criminal lifestyle, dominated the intrusive interpersonal behavior, and is associated with a history of previous offenses, use of psychoactive substances and labor difficulties. We established three different profiles: the Delinquent, the Psycho and Unsuitable, and the first is more frequent in the sample.

# **Anexos IV**

Artigo em formato publicável

***“Características Psicológicas dos Delinquentes Sexuais”***

Cátia Vanessa F. Pereira<sup>9</sup> e Jorge Quintas<sup>10</sup>

Departamento de Psicologia do  
Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte  
UnIPSa

---

<sup>9</sup> Aluna de Mestrado em Psicologia Forense e da Transgressão do Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte/CESPU

<sup>10</sup> PhD, Docente e Investigador da UnIPSa; Centro de Investigação de Ciência da Saúde (CICS); Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte/CESPU.

## **Resumo**

A violência sexual, embora seja cada vez mais uma temática actual na nossa sociedade, ainda se denota algum tabu e dificuldade de abordagem, tornando os ofensores sexuais uma espécie desconhecida da maioria dos investigadores do fenómeno criminal Português. Existe uma crescente necessidade de perceber esta realidade, bem como a sua prevalência e características associadas a esta população. O objectivo deste estudo é descrever as características psicológicas dos delinquentes sexuais, junto a uma amostra de 20 reclusos detidos no Estabelecimento Prisional do Vale do Sousa. Recorreu-se à construção de uma grelha de análise de processos e aplicou-se a “Lifestyle Criminality Screening Form – Revised” (Gonçalves & Vieira, 2004). Os resultados obtidos permitem concluir que o delinquentes sexual apresenta características de personalidade anti – social e dificuldades educacionais. Assim como, se caracteriza por um elevado estilo de vida criminal, onde predomina o comportamento interpessoal intrusivo, e se associa um historial de ofensas anteriores, consumo de substâncias psicoactivas e dificuldades laborais. Atendendo às suas características, diferenciam-se três perfis: o Delinquentes, o Psicopata e o Inadaptado, sendo que o primeiro é o mais frequente.

**Palavras-Chave:** Crimes Sexuais, Psicopatia, Estilo de Vida Criminal, Perfis.

## **Abstract**

Sexual violence, although it is increasingly an issue in our society today, it still denotes a taboo and difficult of approach, making sex offenders a kind unknown to most researchers Portuguese criminal phenomenon. There is a growing need to perceive this reality as well as its prevalence and characteristics associated with this population. The aim of this study is to describe the psychological characteristics of sex offenders, with a sample of 20 prisoners detained in the prison of the Vale do Sousa. Resorting building a grid process analysis and applied the "Lifestyle Criminality Screening Form - Revised" (Gonçalves & Vieira, 2004). The results indicate that the sex offender has personality features anti - social and educational difficulties. Like, is characterized by a high criminal lifestyle, dominated the intrusive interpersonal behavior, and is associated with a history of previous offenses, use of psychoactive substances and labor difficulties. Because of their characteristics are different as three profiles: the Delinquent, the Psycho and Unsuitable, and the first is the most common.

**Keywords:** Sexual Crime, Psychopathy, Criminal Lifestyle, Profiles

## **“Características Psicológicas dos Delinquentes Sexuais”**

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2001), a violência sexual é definida como “todo o acto sexual, tentativa de consumir um acto sexual, comentários ou insinuações sexuais não desejados, ou acções para comercializar ou utilizar de qualquer outro modo a sexualidade de uma pessoa mediante coação por outra pessoa, independentemente da relação desta com a vítima, em qualquer âmbito (...)”. Assim, a violência sexual pode tomar diferentes formas, entre as quais: violação, assédio sexual, tráfico de pessoas, incesto. A violência sexual é considerada tanto uma causa como uma consequência da desigualdade entre sexos e da discriminação baseada no género. Apesar de se tratar de um tipo de violência que ocorre tanto em espaços públicos como privados, atingindo pessoas de ambos os sexos e de todas as faixas etárias, a mulher torna-se particularmente vulnerável (Reis, Martin & Ferriani, 2004).

O comportamento sexual abusivo é difícil de quantificar com precisão na sociedade contemporânea, recorrendo-se a abordagens diversificadas. Um dos métodos baseia-se na obtenção das estatísticas oficiais do crime, solicitando o relato de acontecimentos ou histórias de vitimização sexual e pedindo a agressores sexuais que relatem histórias de comportamento sexual abusivo. Selosse (2001, cit in Paulino, 2009) afirmou que “ a frequência das violações de crianças, de adolescentes e de mulheres está subestimada, na medida em que a vítima é mortificada porque a agressão sexual atinge a intimidade da pessoa, o seu pudor e a sua dignidade”. Alguns autores partem do princípio que grande parte das pessoas que sofrem abusos sexuais não denuncia ou expõe a sua experiência. No entanto, não é pelo aumento de denúncias que se pode inferir que existam mais abusos sexuais relativamente a outras épocas.

De acordo com o relatório anual de segurança interna (2009), no âmbito da criminalidade tem-se vindo a verificar um crescente aumento na taxa de crimes sexuais participados aos órgãos policiais em 2009 (n = 2363) comparativamente ao ano anterior (n = 2093), verificando-se uma variação de mais de 12,90%. No entanto através destes dados, não se conseguiu comprovar se a totalidade do número de denúncias corresponde ao número de crimes. Na realidade, tem-se assistido a um aumento do número de denúncias associado à diminuição das chamadas cifras negras, i.e., da criminalidade real que não chega ao conhecimento das autoridades, pela progressiva criação das condições

necessárias para que as vítimas participem os crimes e pela redução do estigma habitualmente associado a este tipo de criminalidade, do que propriamente a um aumento efectivo deste tipo de crimes. Quando se procuraram analisar as diversas tipologias de crimes que integram esta categoria, verifica-se que a variação é sensivelmente semelhante em todas as elas: abuso sexual de crianças, adolescentes e dependentes (13,91%, correspondente a mais de 84 casos), outros crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual (10,92%, correspondente a mais de 128 casos) e violação (18,3%, correspondente a mais 58 casos).

De acordo com Levi, Maguire e Brookman (2007), a questão conceptual de “que actos contam como violência” não causa na prática muitas dificuldades aos criminologistas, porque muitas vezes estes ignoram esta diversidade de formas de violência, procurando uma explicação mais abrangente para a ocorrência de crimes violentos. Para alguns destes autores, os indivíduos eram vistos como possuidores de livre arbítrio, tendo a capacidade de calcular as vantagens e desvantagens das suas acções, assim como as consequências de cometer um crime. Logo de acordo com esta teoria, o crime seria visto como uma consequência das decisões individuais (McGuire, 2000). Outros autores propuseram que o crime poderia ser entendido com base nas diferenças biológicas entre os indivíduos. A partir desta concepção, passou a ter-se a perspectiva de que o crime, independentemente da sua tipologia, resultaria de factores individuais e pessoais.

Considerando agora o crime sexual de forma específica, e com base nas teorias do crime, encontram-se na literatura referência a uma multiplicidade de teorias ou modelos explicativos para a ocorrência da agressão sexual que constituem uma base de conhecimento importante para o estudo dos delinquentes sexuais.

Alguns autores propõem que a constituição genética e os níveis de hormonas sexuais estejam implicados (teorias biológicas); que o desenvolvimento precoce, os desejos e sentimentos inconscientes são responsáveis (teorias psicodinâmicas); que algumas experiências sexuais moldam o comportamento sexual futuro do individuo (teorias de aprendizagem) e que a posição do homem e da mulher na sociedade, tornam a agressão sexual a norma (teorias sociológicas). Estas teorias consideradas de factor único, contrapõem-se aos modelos multi – factoriais, que propõem que a agressão sexual é causada por mais do que um dos factores anteriores (Hird cit in McGuire, Mason & O’Kane, 2000).

Finkelhor (1984) apresentou o modelo multicausal dos quatro factores, cuja presença facilita o acontecimento da agressão sexual. O factor I refere-se aos factores relativos à

motivação para a agressão sexual, ou seja, às condições que fazem emergir a agressão sexual, abrangendo alguns tipos de factores, contendo por vezes domínios individual e sócio – cultural com relevância. O primeiro aponta para a congruência emocional, que no plano individual contempla o agressor que procura uma sensação de poder e de controlo sobre a vítima, possibilitando-lhe uma maior auto-estima. O agressor sacia as suas necessidades afectivas ao relacionar-se com a vítima, dado que os seus relacionamentos afectivos têm tendência a falhar. Em termos socioculturais, destaca-se o requisito do domínio através da força e prevalência do poder do sexo masculino nas relações sexuais. O segundo tipo de factor refere-se à activação sexual, que no plano individual contempla a probabilidade de existência de experiências sexuais traumáticas na infância do agressor, que conduzem à criação de atribuições erradas das suas interpretações sexuais, ou então à existência de anomalia de índole biológica. O factor II aponta para a predisposição à desactivação dos inibidores internos de controlo da agressão sexual. No plano individual situam-se os efeitos de substâncias tóxicas e álcool, assim como os efeitos de perturbações de foro psicopatológico. O factor III é constituído pela predisposição para a desactivação dos inibidores externos. O plano individual considera as características da figura materna que descora o papel protector, o isolamento social da família, as condições degradantes de habitabilidade. Na esfera sociocultural tem-se em conta a falta de suporte social. Alguns autores, partindo deste modelo, realçam nomeadamente o contexto familiar, as características do agressor e as características da vítima. O factor IV é constituído pelos factores que predispõem para a falta de resistência por parte da vítima. No plano individual, as condições são sobretudo coerção psicológica utilizadas pelo agressor, insegurança emocional, falta de informação e relação de proximidade.

Marshall e Barbaree (1990) descreveram três factores no seu modelo integrado, ou seja, influências biológicas, experiências aprendidas e atitudes socioculturais. Em 2001, Marshall apresentou um modelo explicativo que incorporava tanto o nível histórico como pessoal do sujeito, referindo que a génese da agressão sexual se encontra na infância e nas relações com os pais. Este autor considera que as experiências infantis do tipo negativo (abuso, negligência, família disfuncional, entre outros factores) estabelecem uma vulnerabilidade caracterizada por baixa auto-estima, um desejo de afecto propiciador de certas condutas problemáticas, que segundo factores ambientais e sociais, podem culminar em condutas sexuais graves. Defende também que a origem da delinquência sexual engloba num só indivíduo, influências biológicas (como o impulso

sexual), de experiências da infância (modelos negativos reproduzidos na idade adulta), do estabelecimento do vínculo paterno – filial (influindo no padrão correcto ou incorrecto de como se relacionar socialmente), de factores sócio – culturais (meios de comunicação, conceitos sociais), de experiências durante a juventude (iniciação à sexualidade, primeiros contactos sociais) e da desinibição/ oportunidade (facilitadora da circunstancia para cometer o crime e estar preparado para ele).

A criminologia do desenvolvimento tem-se preocupado ao longo dos tempos em estudar factores de risco familiares e individuais em diferentes idades.

Ao nível dos factores de risco familiares, inúmeros estudos demonstraram a existência de uma relação entre o funcionamento familiar e a ocorrência de ofensa sexual. Farrington (1990) destacou nos seus estudos a importância de factores de risco na infância, tais como a existência de um background familiar numeroso, baixos níveis de supervisão parental, estilos educativos inconsistentes, antecedentes psiquiátricos e criminais na família. Brownfield e Sorenson (1994) reviram as explicações possíveis para a ligação entre famílias numerosas e a delinquência, nomeadamente as que incidiam sobre as características dos pais (ex. pais com antecedentes criminais), parentalidade (ex. pobre supervisão, divórcios), privação económica ou stress familiar. Malinosky – Rummell e Hansen (1993) foram um pouco mais longe e afirmaram que as crianças abusadas fisicamente ou negligenciadas tendem a tornar-se ofensores ao longo da vida.

Os factores de risco individuais encontram-se distribuídos pelo nível psicopatológico (ex. perturbações cognitivas/ emocionais, de personalidade e sexuais) e pelo nível psicossocial (ex. falta de competências sociais, estilo de vida criminal).

Em termos cognitivos, muitos investigadores têm argumentado que os ofensores utilizam formas de pensar pouco eficazes e falta de capacidade de resolução de problemas sobretudo em situações interpessoais, tratando-se de indivíduos auto – centrados e insensíveis. Abel (1989), Murphy (1990), Stermac e Segal (1989) consideraram a existência de distorções cognitivas antes, durante e após o comportamento ofensivo. Estas distorções cognitivas, tais como, negação, minimização, justificação, racionalização e até atribuição da culpa à vítima; reduziriam a ansiedade, a culpa ou vergonha que acompanham estes comportamentos. Para estes autores, uma das manifestações das distorções cognitivas encontra-se no défice de empatia que apresentam para com a vítima. A falta de empatia com a vítima é considerada um importante traço que manifesta a existência de uma perturbação de personalidade no ofensor.

Os transtornos de personalidade são uma das perturbações mais comumente diagnosticadas em casos de ofensa sexual repetida. A razão básica é o distúrbio de personalidade conceitualmente descrever um padrão mal – adaptativo de comportamento (e/ ou experiência interior) e as repetidas ofensas sexuais podem



representar uma parcela importante de tal padrão. A definição subjacente, ou critérios gerais de diagnóstico, para um transtorno de personalidade descrevem-no como um distúrbio com um padrão persistente de comportamento desviante que se manifesta em duas ou mais áreas como sendo a cognição, a afectividade, o funcionamento interpessoal, o controlo dos impulsos; através de uma ampla gama de situações pessoais e sociais que levam ao sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional (Doren, 2002).

Raine e Hare (cit in Mezquita, 2007) são os investigadores que mais têm estudado o conceito “psicopatia”. De uma forma geral, ambos os autores consideram que a psicopatia é um transtorno de personalidade que apresenta bases biológicas, apesar de concordarem que é necessário um ambiente que faça cristalizar uma personalidade anómala.

Hanson e Morton-Bourgon (2005) através de procedimentos de meta – análises acerca das “*Características dos Agressores Sexuais Persistentes: uma Meta - Análise de estudos de Reincidência*” concluíram que o crime sexual está sobretudo associado a dois grandes factores: ao interesse sexual desviante (i.e. atracção permanente por actos sexuais ilegais e/ou incomuns) e uma orientação anti – social/ estilo de vida instável (i.e. personalidade anti – social; traços anti – sociais, tais como impulsividade, abuso de substâncias, desemprego; historial de violação de regras). Neste mesmo estudo, as categorias referentes ao background familiar negativo e a perturbações psicológicas, demonstraram-se uma associação pouco consistente com o crime sexual.

No DSM-IV (American Psychiatric Association, 1994) há referência a interesses sexuais desviantes e comportamentos como Parafilias categorizados como disfunções sexuais sob denominação geral de “transtornos de identidade sexual e de género”. Reunindo várias centenas de estudos sobre variáveis associadas com à ofensa sexual, Andrews (1995) e Bonta (1998) concluíram que os principais factores associados com o crime sexual seriam de natureza não apenas sexual, mas sobretudo social ou psicossocial, tais como, atitudes anti - sociais ou pró - criminais, associação a grupos de pares desviantes, personalidade temperamental/ impulsiva, falta de competência de relacionamento interpessoal e dificuldades ao nível do relacionamento íntimos. Ao nível psicossocial, Reiss e Farrington (1991) consideram que o delinquentes sexual apresenta falta de competências sociais e insere-se sobretudo em grupos de delinquentes.

Para Gottfredson e Hirschi (1990), o crime sexual está intimamente ligado a trajectória de vida desviante (historial de ofensas anteriores), enquanto que para Vieira e

Gonçalves (2005), os ofensores sexuais se diferenciam quanto ao estilo de vida criminal. Este estilo de vida criminal seria caracterizado pela irresponsabilidade na escola, no trabalho e em casa, a que se aliaria uma propensão para o envolvimento em actividades marcadas pela indiferença, a desinibição, a impulsividade e a auto – desresponsabilização, tais como o abuso do álcool e drogas, a promiscuidade sexual, a violação de normas, regras e costumes sociais, para além de ofensas persistentes aos direitos e à dignidade de outras pessoas. Alguns estudos demonstraram que os ofensores sexuais têm um estilo de vida caracterizado com maior evidência, pelo comportamento interpessoal intrusivo (Vieira & Gonçalves, 2005).

## **Método**

### *Participantes*

Na presente dissertação a amostra seleccionada é, na sua totalidade, constituída por todos os reclusos condenados por crimes sexuais a cumprir pena de prisão em Abril de 2010, no Estabelecimento Prisional do Vale do Sousa. No total foram identificados 20 reclusos, entre os quais foi possível diferenciar 13 indivíduos condenados por violação (artigo 164º do Código Penal), 5 indivíduos condenados por abuso sexual de menores (artigo 171º do Código Penal) e 2 indivíduos condenados por actos exibicionistas (artigo 170º do Código Penal).

A amostra apresenta 45% (n = 9) de indivíduos entre os 40 e os 50 anos de idade, 30% (n = 6) de indivíduos entre os 20 e os 30 anos de idade e, 25% (n = 5) de indivíduos entre os 30 e os 40 anos de idade. No que respeita ao estado civil, 35% (n = 7) são divorciados, 30% (n = 6) são solteiros, outros 30% (n = 6) são casados e 5% (n = 1) vivem em união de facto. Metade dos indivíduos vive no distrito do Porto (50%, n = 10), sendo 25% (n = 5) do distrito de Braga, 10% (n = 2) são oriundos de outros países, e ainda 5% (n = 1) do distrito de Aveiro, o mesmo se verificando para o distrito de Vila Real e Viana do Castelo. Relativamente à situação profissional, apenas 10% (n = 2) não apresentava qualquer actividade laboral aquando da detenção, sendo que os restantes 90% (n = 18) apresentavam actividade profissional. No mesmo sentido, mas em termos de principal ocupação no momento da detenção, 45% (n = 9) eram prestadores de serviços, 35% (n = 7) trabalhavam na construção civil, e ainda 10% (n = 2) executavam vendas.

### *Instrumentos*

Procedeu-se à construção de uma Grelha de Análise de Processos e recorreu-se a um instrumento estandardizado a “Lifestyle Criminality Screening Form – Revised” (Gonçalves & Vieira, 2005).

A Grelha de Análise de Processos foi elaborada com base na revisão bibliográfica, na leitura dos processos dos reclusos e nas problemáticas encontradas aquando do contacto com esta população em contexto prisional. A versão final da Grelha de Análises de Processos engloba 13 grupos: dados demográficos, informações sobre a ofensa actual, background familiar negativo, problemas de comportamento precoces, dificuldades educacionais, dificuldades laborais, perturbações psicológicas, consumo de substâncias, história criminal, conflitos relacionamentos íntimos, desviância sexual, atitudes pró – criminais e personalidade anti - social. O objectivo seria o investigador registar a presença de cada variável quando a informação existente no processo permitisse assinalar com razoável grau de confiança a sua presença na vida do indivíduo (i.e. obtém-se dados heterobiográficos). Apenas os grupos correspondentes aos dados demográficos e às informações sobre a ofensa actual, apresentam formas de registo divergentes. O grupo referente aos dados demográficos não é de resposta sim/não mas de preenchimento dactilografado.

A LCSF-R é um instrumento Forense do tipo Checklist, que identifica e quantifica 4 escalas, a irresponsabilidade, auto-desculpabilização, comportamento interpessoal intrusivo e violação das regras sociais, e permite ainda a obtenção de um score global que, sendo igual ou superior a 10 indica a presença clara de um estilo de vida criminal. Tem demonstrado que faz mais sentido considerar o valor total obtido pelo sujeito, atendendo a que o número de itens em cada sub-escala (estilo) é bastante reduzido (entre 3 a 4) do que o obtido em cada subescala. Genericamente, este instrumento revelou boas correlações com a história de vida criminal, o distúrbio de personalidade anti-social, a adaptação institucional e a reincidência no crime (Walters, 1991, 1995; Walters & Chlumsky, 1993; Walters & McDonough, 1998; Walters, Revella & Baltrusaitis, 1990; cit in Gonçalves & Vieira, 2005). Esta escala é composta por 14 itens distribuídos pelas 4 escalas em que a pontuação atribuída a cada item pode ser de 0, 1 ou 2, de acordo com instruções específicas constantes da folha de respostas do instrumento. É cotada mediante a consulta de informação contida nos dossiers institucionais de cada indivíduo, pelo que a inexistência desta informação inviabiliza a

cotação. O score total desta prova pode variar de 0 a 22, no qual valores superiores a 10 indicam presença de um estilo de vida criminal (Walters, 1998 cit in Gonçalves e Vieira, 2005).

### *Procedimento*

Num primeiro momento foi efectuado o pedido de autorização dirigido à direcção do Estabelecimento Prisional do Vale do Sousa a solicitar a consulta dos processos existentes na secretaria de reclusos, nos serviços clínicos e nos serviços de reeducação, bem como a administração de um instrumento de avaliação do estilo de vida criminal dos reclusos. Após recepção da referida autorização, iniciou-se o processo de recolha de dados através da consulta dos processos. Procedeu-se a uma análise cuidadosa dos processos e à inscrição dos respectivos dados na Grelha de Análise de Processos construída no decorrer desta investigação. Posteriormente, o investigador administrou de forma individual aos reclusos, a LCSF – R. Na fase de tratamento de dados, procedeu-se ao cruzamento de dados heterobiográficos com medidas de auto – relato, numa base de dados construída em SPSS.

## **Resultados**

Os resultados que serão apresentados encontram-se divididos em três pontos: análise de dados heterobiográficos provenientes da grelha de análise de processos, exame dos resultados da aplicação da escala LCSF-R para avaliação do estilo de vida criminal e estudo da relação entre dados longitudinais e de auto-relato.

Os dados recolhidos através da Grelha de Análise de Processos, foram analisados tendo em conta a frequência de cada um dos indicadores associados à ofensa sexual, tendo - se verificado que os indicadores com maior frequência encontram-se nos domínios *dificuldades educacionais* (abstenção e/ ou abandono escolar, reduzidas habilitações literárias, historial de reprovações, dificuldades de aprendizagem) e *personalidade anti – social* (desrespeito pelos sentimentos dos outros, reduzida capacidade de controlo dos impulsos, actos irracionais, reduzida tolerância à frustração). Os indicadores com menor frequência surgem essencialmente nos domínios *background familiar negativo* e *desviância sexual*, dando indicação da inexistência de abusos (físico, psicológico e

sexual), de reduzidos conhecimentos sobre sexualidade, de início precoce da actividade sexual, de tolerância para com os crimes sexuais e de reduzida satisfação sexual. Relativamente aos indicadores pertencentes aos domínios *perturbações psicológicas* e *conflitos nos relacionamentos íntimos*, estes são praticamente inexistentes.

Quanto à importância dos domínios, procurou-se calcular para cada domínio o valor médio dos indicadores que cada um representa, tendo-se observado que os domínios que apresentam em média mais indicadores são as *Dificuldades educacionais* e a *Personalidade anti – social*. Por outro lado, os valores médios menos relevantes, localizaram-se nos domínios *Perturbações Psicológicas* e, sobretudo na *Desviância Sexual*, que se encontra muito abaixo dos valores dos restantes domínios.

No que concerne à correlação entre os domínios associados à ofensa sexual, verificou-se que as correlações são maioritariamente positivas, o que significa que existe uma tendência para os domínios estarem relacionados. Analisando as correlações significativas, as *dificuldades educacionais* são o domínio que se relaciona com mais domínios diferentes, tais como, background familiar negativo, problemas de comportamento precoces, conflitos relacionamentos íntimos, desviância sexual e atitudes pró – criminais. Os *problemas de comportamento precoces* relacionam-se positivamente com os domínios background familiar negativo, dificuldades educacionais, consumo de substâncias e história criminal. As *dificuldades laborais* não apresentaram uma relação significativa com nenhum domínio. As *perturbações psicológicas* demonstraram relacionar-se com conflitos nos relacionamentos íntimos. O *consumo de substâncias* e a *história criminal* associam-se sobretudo a problemas de comportamento precoces. Os *conflitos nos relacionamentos íntimos* relacionam-se com dificuldades educacionais, perturbações psicológicas e consumo de substâncias. A *desviância sexual* associa-se a dificuldades educacionais. As *atitudes pró – criminais* encontram-se ligadas às dificuldades educacionais e à desviância sexual. E por fim, a *personalidade anti – social* relaciona-se com o consumo de substâncias, desviância sexual e atitudes pró – criminais.

No sentido de agrupar as características associadas à ofensa sexual, foi realizada uma análise factorial cujos resultados apontam para a existência de factores que agrupam itens com contribuições relativamente elevadas que permitem identificar três perfis associados à ofensa: o Delinvente, o Psicopata e o Inadaptado. O primeiro factor agrega domínios, tais como, problemas comportamentais precoces, background familiar negativa e consumo de substâncias. Já o segundo factor agrega características

associadas à psicopatia, designadamente as atitudes pró – criminais, personalidade anti – social e a desviância sexual. Um terceiro factor fundamenta a ofensa sexual na inadaptação social, resultante de conflitos nos relacionamentos íntimos, perturbações psicológicas e dificuldades laborais. Através da análise dos scores factoriais de cada participante, procedeu-se à integração dos indivíduos da amostra em três grupos de indivíduos, designados de perfis. Foram registados 9 indivíduos considerados como pertencentes ao perfil “Delinquente”, 6 indivíduos considerados como pertencentes ao perfil “Psicopata” e 5 indivíduos considerados como pertencentes ao perfil “Inadaptado”.

Walters (1990, 1998) desenvolveu um modelo de cariz fundamentalmente cognitivo, em que a criminalidade é percepcionada como um estilo de vida marcado pela irresponsabilidade, auto-indulgência, comportamento interpessoal intrusivo e a violação de regras sociais. De acordo com este autor, tem que se ter em conta quatro aspectos fundamentais na avaliação do estilo de vida do indivíduo: as condições, a escolha, as cognições e o comportamento. Baseando-nos neste modelo, passou-se de seguida à discriminação dos valores médios e respectivos desvios padrão dos indivíduos nas quatro escalas da LCSF-R, verificando-se médias mais elevadas no Comportamento Interpessoal Intrusivo, o que significa que a nossa amostra se caracteriza por um estilo de vida criminal onde predomina o desrespeito pelos direitos dos outros, nomeadamente a sua dignidade e vontade pessoais. Neste grupo são considerados indivíduos, como ofensores sexuais, que cometem crimes muitas vezes de forma violenta, adaptando um padrão de comportamento marcado por uma agressividade elevada. As médias mais baixas encontram-se ao nível da Violação de Regras Sociais.

Relativamente à comparação apenas para os casos de violação, dos valores médios totais na LCSF-R da nossa amostra e dos valores de referência obtidos por Abrunhosa e Vieira (2005), constatou-se que as diferenças das médias são significativas, demonstrando que a nossa amostra de indivíduos detidos por violação pontua mais elevado no total da LCSF-R comparativamente aos valores de referência obtidos por Abrunhosa e Vieira (2005).

No que concerne à correlação entre os domínios associados à ofensa sexual e o total da escala LCSF-R de cada participante, foi possível verificar que os dados auto – reportados são congruentes com os dados recolhidos através da grelha de análise de processos. Foram encontradas correlações positivas entre o total da LCSF-R e todos os domínios resultantes da grelha de análise de processos, sendo estas positivas com os

seguintes três domínios: *dificuldades laborais, consumo de substâncias e história criminal.*

## **Discussão**

A pergunta de partida que pautou a nossa investigação, i.e. quais as características psicológicas detectadas nos ofensores sexuais, encontra a sua complexa resposta ao longo da discussão dos resultados associados a cada objectivo específico. Tendo em conta os referenciais teóricos abordados, houve a procura na nossa amostra da presença de alguns indicadores associados à ocorrência de delinquência sexual.

O objectivo de pesquisar a existência de características relacionadas com aspectos psicopatológicos e psicossociais na nossa amostra foi percorrido através sobretudo da Grelha de Análise de Processos.

Os transtornos de personalidade são uma das perturbações mais comumente diagnosticadas em casos de ofensa sexual repetida. A razão básica é o distúrbio de personalidade conceitualmente descrever um padrão mal – adaptativo de comportamento (e/ ou experiência interior) e as repetidas ofensas sexuais podem representar uma parcela importante de tal padrão. A definição subjacente, ou critérios gerais de diagnóstico, para um transtorno de personalidade descrevem-no como um distúrbio com um padrão persistente de comportamento desviante que se manifesta em duas ou mais áreas como sendo a cognição, a afectividade, o funcionamento interpessoal, o controlo dos impulsos; através de uma ampla gama de situações pessoais e sociais que levam ao sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional (Doren, 2002).

Hanson e Bussiere (1998), na sua meta – análise de factores de risco, identificam a preferência sexual desviante como o factor mais associado à delinquência sexual; assim como Hanson e Morton – Bourgon (2004). Em 2005, numa meta – análise de 82 estudos de reincidência (1620 resultados de 29, 450 agressores sexuais), Hanson e Morton – Bourgon identificaram as preferências sexuais desviantes e as orientações anti - sociais como principais preditores de reincidência sexual em agressores sexuais. No nosso estudo foi comprovada a importância da personalidade anti – social, ao contrário dos interesses sexuais desviantes, que apresentam dados insuficientes nos processos dos reclusos. A maioria dos indivíduos da nossa amostra apresenta valores concordantes

com a presença de personalidade anti – social como uma das suas principais características, incluindo indicadores de hostilidade, agressividade, reduzida auto – estima, reduzida tolerância à frustração, desrespeito pelos sentimentos dos outros, reduzida capacidade de experienciar a culpa, reduzida capacidade de controlo dos impulsos e actos irracionais.

Malinosky – Rummell e Hansen (1993) afirmaram que as crianças abusadas fisicamente ou negligenciadas tendem a tornar-se ofensores ao longo da vida; assim como para, Widom e Ames (1994), o abuso sexual de crianças pode levar a crimes sexuais na idade adulta. Para chegarem a estas conclusões os autores basearam-se na teoria da aprendizagem social, argumentando que as crianças aprendem por imitação, modelagem e reforço. Na nossa amostra, o indicador abuso sexual na infância, assim como o abuso físico e psicológico, revelou-se um dos menos frequentemente associados à ofensa sexual.

Swanson, Holzer, Ganju e Jono (1990) procuraram demonstrar que determinados indivíduos que sofrem de transtorno mental são mais propensos a cometer a ofensa, embora recentemente não se comprove que haja uma relação directa entre perturbações mentais e o crime sexual. No nosso estudo, não se confirmou a presença de problemas psicológicos.

O objectivo de pesquisar a existência de um estilo de vida criminal na nossa amostra foi percorrido através da utilização da escala LCSF-R.

De acordo com Gottfredson e Hirschi (1990), o crime sexual está intimamente ligado a trajetória de vida desviante (historial de ofensas anteriores), enquanto que para Vieira e Gonçalves (2005), os ofensores sexuais se diferenciam quanto ao estilo de vida criminal. Alguns estudos demonstraram que os ofensores sexuais têm um estilo de vida caracterizado com maior evidência, pelo comportamento interpessoal intrusivo (Vieira & Gonçalves, 2005). Comparativamente aos estudos efectuados por Gonçalves e Vieira (2005), a nossa amostra é detentora de um estilo de vida criminal ainda mais elevado. Para além disso, o nosso estudo comprovou que a grande maioria dos ofensores sexuais apresentam pontuações mais elevadas numa das escalas da LCSF-R, denominada de *comportamento interpessoal intrusivo*, o que significa que a nossa amostra se caracteriza por um estilo de vida criminal onde predomina o desrespeito pelos direitos dos outros, nomeadamente a sua dignidade e vontades pessoais. O comportamento interpessoal intrusivo predomina sobretudo num dos nossos perfis, o denominado de *Perfil Psicopata*. A escala que se refere à violação das regras sociais é aquela que



apresenta uma pontuação mais baixa, que significa que a problemática nestes ofensores não se encontra ao nível da aceitação de normas sociais. Estes individuais não revelam indiferença perante as normas, leis e regras da sociedade, não as violam ostensivamente ou procuram manipulá-las em seu proveito e com prejuízo para terceiros. No entanto, na nossa amostra há uma exceção em relação à violação de regras sociais, que corresponde ao *Perfil Inadaptado*.

Para Gottfredson e Hirschi (1990), o crime sexual está intimamente ligado a trajectória de vida desviante (historial de ofensas anteriores), enquanto que para Vieira e Gonçalves (2005), os ofensores sexuais se diferenciam quanto ao estilo de vida criminal. Este estilo de vida criminal seria caracterizado pela irresponsabilidade na escola, no trabalho e em casa, a que se aliaria uma propensão para o envolvimento em actividades marcadas pela indiferença, a desinibição, a impulsividade e a auto – desresponsabilização, tais como o abuso do álcool e drogas, a promiscuidade sexual, a violação de normas, regras e costumes sociais, para além de ofensas persistentes aos direitos e à dignidade de outras pessoas. Alguns estudos demonstraram que os ofensores sexuais têm um estilo de vida caracterizado com maior evidência, pelo comportamento interpessoal intrusivo (Vieira & Gonçalves, 2005). O nosso estudo foi comprovada a relação entre o estilo de vida criminal e algumas das características existentes nos processos dos reclusos, nomeadamente, a história criminal, o consumo de substâncias e as dificuldades laborais.

Alguns autores (ex. McCord (1982); Farrington (1990); Brownfield & Sorenson (1994) demonstraram a existência de uma relação entre o funcionamento familiar e a ocorrência de ofensa sexual. Hanson e Morton – Bourgon (2005), entre outros autores, procuraram encontrar evidências que comprovassem que a ofensa sexual estaria associada à presença de uma psicopatologia, quer ao nível da existência de uma perturbação de personalidade quer de uma perturbação sexual. Ainda Reiss e Farrington (1991); Andrews (1995) e Bonta (1998); entre outros autores, associaram o crime sexual a factores psicossociais. Do mesmo modo, na nossa amostra foram identificados três perfis diferenciados e associados à ofensa sexual. O perfil de Delinquente é aquele que se caracteriza por problemas comportamentais precoces, background familiar negativo e consumo de substâncias, caracterização esta que vai de encontro ao demonstrado pelos autores que defendiam que a ofensa sexual estaria associada a factores de risco familiares. O perfil de Psicopata é aquele que se caracteriza pela existência de um transtorno de personalidade anti-social e desviância sexual, caracterização esta

semelhante à elaborada na meta – análise de Hanson e Morton – Bourgon (2005). Por fim, o perfil de Inadaptado é aquele cuja caracterização aponta para inadaptação social, conflitos nos relacionamentos íntimos, perturbações psicológicas e dificuldades laborais, o que vai de encontro a uma caracterização que aponta essencialmente para factores psicossociais. Torna-se ainda fundamental salientar que o perfil mais frequente na nossa amostra é o do ofensor sexual com elevados factores de risco na infância, sobretudo ao nível da pertença de uma família desestruturada e de indícios de delinquência juvenil, nomeadamente comportamentos desviantes e consumos de substâncias. Ou seja, aparece com mais frequência o perfil do ofensor “delinquente”.

### **Referências Bibliográficas**

Almeida, C., Vilalonga, J. (2008). *Código de Processo Penal*. Coimbra: Edições Almedina.

Andrews, D., Bonta, J. (2003). *The Psychology of Criminal Conduct*. 3ªed. Cincinnati (EEUU): Anderson Publishing Co.

Barbaree, H., Marshall, W. (2008). *The Juvenile Sex Offender*. 2ª ed. New York: The Guilford Press.

Doren, D. (2002). *Evaluating Sex Offenders: a Manual for Civil Commitment and Beyond*. United States: SAGE Publications.

Farrington, D.P. (1996). The explanation and prevention of youthful offending. En P. Cordelia y L. Siegel (eds). *Reading in contemporary criminological theory*. Boston: Northeastern University Press.

Hanson, R., Morton – Bourgon, K. (2005). The characteristics of Persistent Sexual Offenders: Meta – Analysis of Recidivism Studies. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73, 6, 1154 – 1163.

Iria, C., Barbosa, F. (2008). *Psicopatas Criminosos e Não Criminosos: Uma Abordagem Neuropsicológica*. Porto: Livpsic/ Legis Editora.

Gonçalves, R. A., Vieira, S. (2005). A avaliação do estilo de vida criminal em ofensores sexuais. *Psicologia: Teoria, investigação e prática*, 1, 081 – 092.

McGuire, J., Mason, T., O’Kane, A., (2000). *Behaviour, Crime and Legal Processes*. England: John Wiley & Sons, Ltd.

Mezquita, B. (2007). *Manual de Psicologia Forense*. Madrid: Editorial Sintesis.

Paulino, M. (2009). *Abusadores Sexuais de Crianças – A verdade escondida*. 1ª ed. Prime Books.

## Anexos

**Tabela 1:** Dados sócio – demográficos da amostra de ofensores sexuais

	n	%
<b>Idade</b>		
Entre 20 e 30 anos	6	30,0
Entre 30 e 40 anos	5	25,0
Entre 40 e 50 anos	9	45,0
<b>Estado Civil</b>		
Solteiro	6	30,0
Casado	6	30,0
União de Facto	1	5,0
Divorciado	7	35,0
<b>Distrito</b>		
Aveiro	1	5,0
Porto	10	50,0
Braga	5	25,0
Vila Real	1	5,0
Viana do Castelo	1	5,0
Estrangeiro	2	10,0
<b>Profissão/ Ocupação</b>		
Construção Civil	7	35,0
Vendas	2	10,0
Prestação Serviços	9	45,0
Desempregado	2	10,0

**Tabela 2:** Frequências dos principais indicadores de cada domínio associados à ofensa sexual

<b>Indicadores</b>	<b>Domínios</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Abstenção e/ ou abandono escolar Problemas sexuais	Dificuldades educacionais Desviância sexual	20	100
Desrespeito pelos sentimentos dos outros	Personalidade anti – social	19	95
Precariedade económica Reduzidas habilitações literárias Reduzida capacidade de controlo dos impulsos	Background familiar negativo Dificuldades educacionais Personalidade anti – social	18	90
Ocupações precárias e/ ou mal remuneradas Falta de empatia com a vítima	Dificuldades laborais Atitudes pró – criminais	17	85
Comportamentos desajustados Historial de reprovações Actos irracionais	Problemas de comportamento precoces Dificuldades educacionais Personalidade anti – social	16	80
Agregado familiar numeroso e desestruturado Dificuldades de aprendizagem Reduzida tolerância à frustração	Background familiar negativo Dificuldades educacionais Personalidade anti – social	15	75
Abuso psicológico Reduzida satisfação sexual Tolerância para com os crimes sexuais	Background familiar negativo Desviância sexual Desviância sexual	4	20
Abuso físico Fugas de casa/ lar substituto Tentativas de suicídio Inicio precoce da actividade sexual	Background familiar negativo Problemas de comportamento precoces Perturbações psicológicas Desviância sexual	3	15
Antecedentes psiquiátricos na família Expulsão e/ ou suspensão da escola Transferência de escola Reduzidos conhecimentos sobre a sexualidade Tolerância para com o crime em geral	Background familiar negativo Dificuldades educacionais Dificuldades educacionais Desviância sexual Atitudes pró – criminais	2	10
Abuso sexual Historial de abuso de medicação	Background familiar negativo Consumo de substâncias	1	5

**Tabela 3:** Médias e Desvios padrão de indicadores presentes em cada domínio

Domínios	M	Dp
12. Background familiar negativo	0,40	0,23
13. Problemas de comportamento precoces	0,44	0,27
14. Dificuldades educacionais	0,65	0,25
15. Dificuldades laborais	0,46	0,28
16. Perturbações psicológicas	0,33	0,29
17. Consumo de substâncias	0,41	0,26
18. História criminal	0,39	0,28
19. Conflitos relacionamentos íntimos	0,48	0,36
20. Desviância sexual	0,14	0,19
21. Atitudes pró – criminais	0,38	0,25
22. Personalidade anti – social	0,65	0,25

**Tabela 4:** Correlação dos domínios associados à ofensa sexual

r PEARSON	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. Background familiar negativo											
2. Problemas de comportamento precoces	0,63**										
3. Dificuldades educacionais	0,48*	0,73**									
4. Dificuldades laborais	0,16	-0,09	0,05								
5. Perturbações psicológicas	0,07	-0,03	0,16	0,03							
6. Consumo de substâncias	0,43	0,50*	0,44	0,17	0,04						
7. História criminal	0,17	0,51*	0,11	0,02	-0,03	0,42					
8. Conflitos relacionamentos íntimos	0,33	0,25	0,45*	0,20	0,57**	0,47*	0,04				
9. Desviância sexual	0,31	0,29	0,45*	0,28	0,38	0,12	0,02	0,26			
10. Atitudes pró – criminais	-0,04	0,38	0,52*	-0,01	0,24	0,33	0,25	0,11	0,50*		
11. Personalidade anti – Social	0,23	0,39	0,43	0,20	0,44	0,47*	0,22	0,38	0,51*	0,78**	

**Tabela 5:** Análise Factorial das características associadas à ofensa sexual

Factores e resumo dos itens	M	Saturações		
		I	II	III
<b>Delinquente</b> (Factor1: 26,1%)				
- Problemas Comportamento Precoce	0,44	0,89	0,22	-0,04
- Background Familiar Negativo	0,40	0,72	-0,12	0,44
- Consumo de Substâncias	0,42	0,72	0,18	0,20
<b>Psicopata</b> (Factor2: 23,0%)				
- Atitudes Pró – Criminais	0,38	0,23	0,91	-0,20
- Personalidade Anti – Social	0,65	0,29	0,82	0,19
- Desviância Sexual	0,14	0,13	0,64	0,36
<b>Inadaptado</b> (Factor3: 16,1%)				
- Conflitos Relacionamentos íntimos	0,48	0,28	0,22	0,76
- Perturbações Psicológicas	0,33	-0,19	0,52	0,58
- Dificuldades Laborais	0,46	0,03	0,01	0,52

**Tabela 6:** Classificação em perfis dos indivíduos da nossa amostra

Perfis	N	%
Delinquente	9	45
Psicopatia	6	30
Inadaptado	5	25
Total	20	100

**Tabela 7:** Médias e Desvios padrão das escalas e total da LCSF-R existentes na amostra

Escalas LCSF-R	M	Dp
V. Irresponsabilidade	2,00	1,39
VI. Auto – Indulgência	1,90	1,17
VII. Comportamento Interpessoal Intrusivo	2,50	0,61
VIII. Violação de Regras Sociais	1,05	0,83
Total	7,45	2,61

**Tabela 8:** Comparação, apenas para casos de violação, de médias do total da escala LCSF – R e os valores de referências de Abrunhosa e Vieira (2005)

<b>LCSF-R</b>	<b>Grupo</b>	<b>M</b>	<b>T</b>	<b>GI</b>	<b>P</b>
Total	Amostra	7,62			
	Valores de referência	4,27	4,48	12	0,001**

\*\* p < 0,001

**Tabela 9:** Correlação entre os domínios recolhidos da grelha e o total da LCSF – R neste estudo

<b>r PEARSON</b>	<b>Estilo de Vida Criminal Total LCSF – R</b>
Background familiar negativo	0,12
Problemas de comportamento precoces	0,25
Dificuldades educacionais	0,34
Dificuldades laborais	0,49*
Perturbações psicológicas	0,13
Consumo de substâncias	0,58**
História criminal	0,47**
Conflitos relacionamentos íntimos	0,32
Desviância sexual	0,24
Atitudes pró – criminais	0,31
Personalidade anti – Social	0,33

\* p < 0,05

\*\* p < 0,01